UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

TICIANA ANDRADE DE SENA

OBVIAÇÃO EM KADIWÉU

CAMPINAS,

2017

TICIANA ANDRADE DE SENA

OBVIAÇÃO EM KADIWÉU

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Linguística.

Orientadora: Profª Drª Maria Filomena Spatti Sandalo

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Ticiana Andrade de Sena e orientada pela Profa. Dra. Maria Filomena Spatti Sandalo.

CAMPINAS,

2017

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

Sena, Ticiana Andrade de, 1988-
Se55o Obviação em kadiwéu / Ticiana Andrade de Sena. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Maria Filomena Spatti Sandalo.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua kadiwéu. 2. Gramática comparada e geral - Morfologia. 3. Gramática comparada e geral - Sintaxe. 4. Gramática comparada e geral - Voz verbal. I. Sândalo, Maria Filomena Spatti,1965-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Obviation in kadiwéu
Palavras-chave em inglês:
Kadiueo languages
Grammar, Comparative and general - Morphology
Grammar, Comparative and general - Syntax
Grammar, Comparative and general - Verbal voice
Área de concentração: Linguística
Titulação: Mestra em Linguística
Banca examinadora:
Maria Filomena Spatti Sandalo [Orientador]
Charlotte Marie Chambelland Galves
Maria Luisa Andrade Freitas
Data de defesa: 03-03-2017
Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Maria Filomena Spatti Sândalo

Charlotte Marie Chambelland Galves

Maria Luisa Andrade Freitas

Angel Humberto Corbera Mori

Cintia Valeria Carrió

IEL/UNICAMP
2017

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

DEDICATÓRIA

A Heitor

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela concessão da bolsa de Mestrado, possibilitando o desenvolvimento desta pesquisa.

À minha orientadora, professora Filomena Sandalo, pela paciência, disponibilidade, dedicação e competência ao orientar este trabalho.

Aos professores Charlotte Galves e Angel Corbera Mori, pelas valiosas sugestões para melhorar este trabalho.

Aos professsores Charlotte Galves, Maria Luisa de A. Freitas, Angel Corbera Mori e Cintia Carrió, por aceitarem participar de minha banca de defesa.

Aos meus queridos pais, Saul e Jeane, e irmãs, Yasmin e Carolina, por serem minha base e meu porto seguro.

A Dirceu, por tanto amor e amizade há já tantos anos.

Ao destino, por, de algum jeito, ter sempre reservado o melhor para mim.

RESUMO

Esta dissertação fornece um estudo descritivo sobre a marcação morfológica do verbo quando há argumentos de terceira pessoa em kadiwéu e defende que essa língua apresenta o fenômeno da obviação. A obviação é uma hierarquia de pessoa exclusiva à relação entre argumentos de terceira pessoa, na qual o argumento superior será destacado por algum mecanismo morfológico e/ou sintático. Nas línguas que contam com obviação, num contexto somente com argumentos de terceira pessoa, haverá um argumento principal, chamado de proximativo, e cada um dos demais argumentos será denominado argumento obviativo. Os critérios que definem essa hierarquização entre argumentos de terceira pessoa podem ser semânticos ou pragmáticos (CAMACHO, 2013). Neste estudo, defendemos que essa língua tem tanto obviação desencadeada pela hierarquia temática tema > experienciador (critério semântico), quanto pela proeminência discursiva dos argumentos em um dado contexto (critério pragmático). De modo complementar, esta dissertação apresenta um breve estudo comparativo entre línguas que contam com obviação, dentre elas, o kadiwéu.

Palavras-chave: kadiwéu; obviação; sistema inverso; morfologia; sintaxe

ABSTRACT

This work is a descriptive study of verbal agreement in Kadiwéu, a Guaikurúan language spoken in Brazil, when both arguments are third-persons, and argues that this language presents the phenomenon of obviation. Obviation is a person hierarchy focused on the relation between third-person arguments in which the higher argument will be highlighted by some morphological and/or syntactic mechanism. In languages where there is obviation, in a context with third-person arguments only, there will be a main argument, called proximate, and each of the other arguments will be called obviative. The criteria that define this hierarchy between third-person arguments can be semantic or pragmatic (CAMACHO, 2013). We claim that Kadiwéu shows obviation triggered both by the thematic hierarchy theme > experiencier (semantic criterion) and by a discursive prominence of arguments in a given context (pragmatic criterion). In a complementary way, this work presents a brief comparative study between languages that has obviation, among them, Kadiwéu.

Keywords: Kadiwéu; obviation; inverse system; morphology; syntax

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Fonemas vocálicos segundo proposta de Sandalo (1996) 11

Tabela 02 - Fonemas consonantais segundo proposta de Sandalo (1996) 12

Tabela 03 - Alfabeto proposto por Griffiths&Griffiths (2006) 13

Tabela 04 - Morfemas nominais 15

Tabela 05 - Morfemas verbais 16

Tabela 06 - Marcadores de concordância 28

Tabela 07 - Paradigma de concordância de verbos inacusativos 29

Tabela 08 - Verbo Transitivo (prefixos) 31

Tabela 09 - Verbo Transitivo (sufixos) 31

Tabela 10 - Verbo Intransitivo (prefixos) 32

Tabela 11 - Verbo Intransitivo (sufixos) 32

Tabela 12 – Objeto 32

Tabela 13 - Paradigma de concordância da classe I de verbos psicológicos 36

Tabela 14 - Paradigma de concordância da classe II de verbos psicológicos 37

Tabela 15 - Paradigma de concordância da classe III de verbos psicológicos 39

Tabela 16 - Comparação de paradigmas de concordância entre verbos transitivos comuns e verbos psicológicos da classe III 40

LISTA DE ABREVIATURAS

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
3’	terceira pessoa obviativa
ABS	absolutivo
ADESS	adessivo
ADV	advérbio
AG	agente
ALNV	alienável
AN	animado
ANT	voz antipassiva
APL	aplicativo
ART	artigo
ATEL	aspecto atélico
CL	clítico
CLFN	classificador numeral
COMP	complementizador
COMPL	aspecto completivo
CONJ	conjunção
CT	complementizador temporal
DAT	dativo
DEF	definido
DIR	direcional
ENC	enclítico
ENF	enfático
EP	consoante/vogal epentética
EV	evidencial
HON	honorífico
ICP	aspecto incompletivo
IMP	impessoal
INV	voz inversa
INTS	aspecto intensivo
MOV	afixo de movimento
NEG	negação
OBJ	objeto
OBL	oblíquo
OBV	obviativo
PL	plural
POSS	possessivo
PRO	pronome
PRET	pretérito
PSV	passiva
PTCL	partícula
REFL	reflexivo
REL	relacional
REP	aspecto repetitivo
RLTV	pronome relativo
SUBOR	subordinada
SUJ	sujeito
VAL	valência

Sumário

1 – Introdução 12
1.1 – Os Kadiwéu 17
1.2 – Estudos anteriores sobre a língua kadiwéu 18
1.3 – Metodologia 19
1.3.1 – Apresentação dos dados 21
2 – Pontos essenciais da gramática do kadiwéu 25
2.1 – Morfemas verbais e nominais: visão geral 25
2.2 – O morfema *d-* em kadiwéu: estudos anteriores 29
2.2.1 - As funções do morfema *d-* segundo Sandalo (1996) 29
2.2.2 – O morfema *d-* como morfema inverso 30
2.2.3 – Os estudos de Nevins e Sandalo (2010) e Sandalo (2014;2015) 34
2.2.4 – Hipótese da Referência Alternada 35
2.3 – Marcadores de concordância 38
3 – Obviação em kadiwéu 44
3.1 – Obviação motivada por critério semântico 44
3.1.1 – Os verbos psicológicos em kadiwéu 45
3.1.2 – Verbos psicológicos afetados por obviação 50
3.2 – Obviação motivada por critério pragmático 53
3.3 – O sistema inverso em kadiwéu: estudos futuros 60
4 – Obviação: breve estudo comparativo 64
4.1 – Marcação morfológica 64
4.2 – Obviação e voz 69
4.3 – Gatilhos da Obviação 72
5 - Considerações Finais 76
Bibliografia 78

1 – Introdução

Há línguas que apresentam um fenômeno chamado na literatura de obviação. Tal fenômeno ocorre com verbos transitivos em casos nos quais todos os argumentos são de terceira pessoa. Nesses casos, o argumento considerado hierarquicamente principal, independentemente de sua função sintática, será destacado por algum mecanismo morfológico e/ou sintático[1]. Na literatura sobre obviação, o argumento principal é chamado de proximativo (doravante 3PROX) e cada um dos demais argumentos de terceira pessoa que houver na oração receberá a denominação de argumento obviativo (doravante 3OBV). Ou seja, grosso modo, obviação é uma hierarquia de pessoa exclusiva à relação entre argumentos de terceira pessoa (3PROX > 3OBV).

Esta dissertação tem como objetivo principal fornecer um estudo descritivo sobre a marcação morfológica do verbo quando há argumentos de terceira pessoa em kadiwéu, língua da família Guaikurú, e defender a hipótese de que essa língua apresenta o fenômeno da obviação.

Como mencionado acima, em línguas que contam com obviação, quando todos os argumentos de uma oração transitiva são de terceira pessoa, um dos argumentos deve ser salientado hierarquicamente. Os critérios que definem essa hierarquização entre argumentos de terceira pessoa podem ser semânticos ou pragmáticos. Por exemplo, quando a escolha de qual argumento será 3PROX ou 3OBV ocorre por causa dos papéis temáticos ou da animacidade dos argumentos em questão, dizemos que o critério é semântico. Por sua vez, quando o argumento pragmaticamente mais proeminente em um dado contexto é considerado o 3PROX, independentemente de seus traços semânticos ou de sua função sintática, dizemos que o critério é pragmático (CAMACHO, 2013; WOLVENGREY, 2011).

Quanto aos mecanismos utilizados para dar destaque ao argumento 3PROX nas línguas que contam com obviação, esses podem ser, como dito acima, morfológicos e/ou sintáticos. O mecanismo morfológico ao qual algumas línguas que contêm obviação recorrem, principalmente as línguas algonquianas, é a adição de afixos em algum dos elementos dos sintagmas nominais a fim de indicar se aquele sintagma deve ser considerado 3OBV ou 3PROX (AISSEN, 1997). O mecanismo sintático que as línguas que contêm obviação

[1] É importante ressaltar que há outro fenômeno linguístico, não relacionado com ranqueamento entre argumentos de terceira pessoa, por vezes também chamado de obviação. Esse outro fenômeno, que é denominado obviação ou referência disjunta, diz respeito a uma restrição que ocorre em algumas línguas, segundo a qual o sujeito da oração subordinada tem de ser disjunto em referência ao sujeito da oração principal. Esse fenômeno da referência disjunta, não tem relação com o objeto de estudo desta dissertação. Para mais informações sobre esse outro fenômeno, indica-se a leitura de Oliveira (2013).

aplicam é o uso da voz direta quando o sujeito é 3PROX e o uso da voz inversa quando o sujeito é 3OBV (CAMACHO, 2013).

Sandalo (2009) propõe que o morfema verbal *d-* em kadiwéu é um morfema que marca voz inversa. Mais especificamente, quando o objeto é superior ao sujeito, de acordo com o padrão de hierarquia de pessoa nessa língua (1.pl.OBJ > 2 > 1 > 3), um sistema de voz inversa é desencadeado. Quando a voz inversa é acionada, o morfema *d-,* o morfema inverso, se faz presente no verbo e o verbo concorda com o objeto.

Este trabalho nota que o morfema inverso ocorre também em alguns casos em que os argumentos são de terceira pessoa, como exemplificado abaixo. No exemplo (01), apresentamos um caso de obviação motivada por critério semântico. Em kadiwéu, somente com argumentos de terceira pessoa, há uma hierarquia tema > experienciador. O verbo *ibodice* 'ter notícias de' faz parte desse grupo de verbos que são submetidos a essa hierarquia. No exemplo abaixo, o sujeito é experienciador e o objeto direto é tema, logo, de acordo com a hierarquia supracitada, o verbo concorda obrigatoriamente com o objeto:

(01) Ni-gijo na-ga **dibodice**
Ni-gijo na-ga **Ø-d-ibodice**
CLFN CT **3.OBJ-INV-ter notícias**

moyala-gatalo Jesus,...
me-o-y-ala-gad-t=e-wa-lo Jesus,
COMP-3.PL-3.SUJ-falar a respeito de-VAL-EP=3-DAT-HON Jesus

(lit.) Este, quando teve notícias de que falavam a respeito de Jesus, ...
Ouvindo falar de Jesus, ...
(NTK- Marcos 5:27 - trecho)

No exemplo (02), abaixo, apresentamos casos que explicitam a existência de obviação motivada por critério pragmático. A hipótese da obviação explica a variação da presença do morfema *d-* com um mesmo verbo vista nos exemplos (02.a) e (02.b). Veja que o verbo *idele,* 'lutar', aparece nesses dois exemplos. Ambas as orações em que esse verbo aparece têm os mesmos argumentos nominais: o guerreiro Exabigo e os seus inimigos. O que faz a oração com *idele* presente no exemplo (02.a) estar na voz inversa, enquanto a oração com o mesmo verbo no exemplo (02.b) está na voz direta é a obviação:

(02) a. oda no-gononotalo
oda na-ga=o-n-ono-t=e-wa-lo
CONJ CT=3.PL-ANT-encontrar-EP=3-DAT-HON

icoa	lidelaɡawadi	icoa	Exabigo
icoa	l-idelaɡaw-adi	icoa	Exabigo
CLFN	3POSS-inimigo-PL	CLFN	Exabigo

(lit.) Então, os inimigos dele [Exabigo] encontram o Exabigo
Então quando o Exabigo encontrou os inimigos

naɡa	**didele**	icoa	l-iwoneɡa
naɡa	**Ø-d-idele**	icoa	l-iwoneɡa
CT	**3.OBJ-INV-lutar**	CFLN	3.POSS-jovem

(lit.) [Contra os inimigos], o jovem lutou
O jovem lutou (...)
(Corpus - História de Exabigo - versão 1)

b.

oda	one	ioniɡi	ica	mele	ica	ɡabakedi
oda	one	i-oniɡi	ica	mele	ica	ɡad-bakedi
CONJ	EV	1.POSS-filho	CFLN	muito bom	CFLN	2.POSS-trabalho

(lit) Então disseram: meu filho, muito bom este seu trabalho
Então disse: meu filho, muito bom este seu trabalho

aɡica	ica	daɡa	inoke	me	**idele**
aɡ-ica	ica	daɡa	y-inoke	me	**y-idele**
NEG-CFLN	CFLN	NEG	3.SUJ-fracassar	COMP	**3.SUJ-lutou**

(lit.)Sem fracassar que ele [Exabigo]lutou [contra os inimigos].
Lutou sem fracassar
(Corpus - História de Exabigo - versão 1)

Os exemplos (02.a) e (02.b) são provenientes de uma narrativa épica kadiwéu que faz parte do corpus da língua fruto de coletas feitas por Sandalo. O exemplo (02.a) foi retirado de um trecho logo após Exabigo anunciar a sua esposa que os inimigos dele estavam vindo. A partir desse momento, os inimigos de Exabigo passam a ser, em um pedaço da história, o argumento mais proeminente. Então, no exemplo (02.a), Exabigo é o sujeito da oração, mas é o argumento menos proeminente em comparação com o objeto da oração, os inimigos de Exabigo. Logo, temos, no exemplo (02.a), um sujeito 3OBV e um objeto 3PROX, então a voz inversa é acionada. Por sua vez, o exemplo (02.b) foi retirado de um trecho ao final da estória, no qual o pai de Exabigo vai procurar o filho na mata. Nesse trecho, Exabigo é o assunto central, sendo assim, no exemplo (02.b), Exabigo é o sujeito 3PROX e os inimigos de Exabigo são objeto 3OBV da oração. Então, de acordo com o sistema obviativo do kadiwéu, a oração fica na voz direta.

Tendo por base as análises de Sandalo (2009; 2014; 2015), nesta dissertação, propõe-se que kadiwéu é uma língua que conta com obviação, ou seja, há também uma hierarquia de pessoa que atua exclusivamente sobre a relação entre argumentos de terceira pessoa (3PROX > 3OBV). Em kadiwéu, quando o objeto é 3PROX, o sistema inverso é acionado, o que

justifica a presença desse morfema verbal *d-* nessas orações. Nessas orações em que o sujeito é 3OBV e o objeto é 3PROX, o verbo concorda com o objeto. Nessa língua, há dois critérios definidores dessa hierarquia específica à relação entre argumentos de terceira pessoa: a hierarquia tema > experienciador e a proeminência discursiva dos argumentos em um dado contexto.

Em primeiro lugar, o estudo desenvolvido nessa dissertação visa a trazer uma pequena contribuição para uma maior compreensão da língua kadiwéu. O kadiwéu não é uma língua cuja descrição é incipiente, como poderá ser visto no seção 1.2, ainda nesse capítulo. No entanto, há vários aspectos dessa língua ainda não muito bem entendidos, dada a sua complexidade em vários pontos diferentes. Dentre eles, destaco a complexidade da morfologia verbal nessa língua.

Além de descrever como funciona a obviação em kadiwéu, quanto aos aspectos morfossintáticos, essa dissertação oferece um breve estudo comparativo sobre obviação, sempre analisando o que ocorre em kadiwéu em comparação com o que ocorre em outras línguas que contam com o fenômeno em questão. Esse estudo comparativo é, a nosso ver, a segunda contribuição deste trabalho. Vale ressaltar que o estudo realizado nessa dissertação foi exclusivamente feito a partir de dados provenientes de corpus e da bibliografia existente.

Por fim, outra contribuição que merece ser mencionada é que, ao longo do mestrado, em paralelo à pesquisa, fiz parte de uma equipe que trabalha na confecção de um corpus de narrativas kadiwéu em uma plataforma digital. Alguns dos dados usados nessa dissertação foram retirados dessas narrativas. É possível ter acesso a essas narrativas pelo endereço eletrônico: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/tbf/login>. Contudo, essa plataforma digital ainda não está completamente pronta para pesquisa. Estamos trabalhando para fazer toda a etiquetagem sintática e morfológica das palavras que compõem as histórias. O corpus nessa plataforma facilitará muito trabalhos futuros sobre essa língua. Vale ressaltar que certos fenômenos linguísticos só são notados a partir da análise de textos da língua que está sendo estudada.

Essa dissertação é dividida em 5 capítulos. Nesse primeiro capítulo, apresentamos brevemente, a seguir, dados sobre o povo kadiwéu e um resumo das pesquisas anteriores feitas por outros estudiosos sobre essa língua. Ainda no primeiro capítulo, apresentamos também a metodologia usada para a seleção e organização de dados do kadiwéu discutidos nesse estudo, bem como sobre o alfabeto utilizado nos exemplos do kadiwéu dados ao longo do texto.

Para ajudar a entender os exemplos que dão suporte à hipótese defendida nessa dissertação, de que há obviação em kadiwéu, é necessário que o leitor conheça alguns afixos verbais e nominais dessa língua, entenda o funcionamento da voz inversa em kadiwéu e saiba um pouco sobre o percurso, na literatura, dos estudos sobre as funções do morfema *d-*, que é um morfema central para a hipótese defendida nessa dissertação. Para tanto, no segundo capítulo, apresentamos um resumo do que já foi estudado na literatura sobre tais pontos da gramática do kadiwéu.

O principal objetivo do terceiro capítulo é apresentar um estudo descritivo sobre a obviação em kadiwéu. Na seção 3.1, apresentamos um grupo de verbos transitivos que aparentam ter sujeito experienciador e objeto tema. Quando os argumentos da oração são de terceira pessoa, os verbos desse grupo contam obrigatoriamente com o morfema *d-*. Tomamos esse fato como um indicativo de acionamento da voz inversa e concordância com o objeto. Nessa seção, defendemos a hipótese de que kadiwéu conta com a hierarquia temática tema > experienciador, qua atua somente sob argumentos de terceira pessoa. Isso porque kadiwéu conta também com hierarquia de pessoa que domina a hierarquia temática (cf. NEVINS & SANDALO, 2010). Portanto, segundo os fatos estudados nessa seção, consideramos que kadiwéu conta com obviação motivada por critério semântico. Por sua vez, os fatos apresentados na seção 3.2 mostram que a proeminência discursiva também é um critério definidor da obviação nessa língua. Na seção 3.2, observamos uma série de exemplos em que há variação da presença do morfema *d-* com um mesmo verbo. Por meio desses exemplos, mostramos que a proeminência discursiva dos argumentos é relevante para o acionamento da voz inversa e concordância nessa língua, quando os argumentos da oração são de terceira pessoa. Por fim, na seção 3.3, indicamos questões sobre o sistema inverso em kadiwéu que são interessantes de serem analisadas em estudos futuros.

No capítulo 4, fazemos um breve estudo comparativo sobre obviação. Este capítulo é dividido em 3 seções. Na primeira, apresentamos os tipos de marcação morfológica da obviação. Na segunda, falamos sobre a relação entre obviação e voz nas línguas que contam com esse fenômeno. Na terceira, falamos sobre os fatores que desencadeiam a obviação nas diversas línguas que apresentam o fenômeno.

Por fim, no capítulo 5, retomamos os principais pontos desenvolvidos nesse estudo e comentamos sobre os limites da pesquisa desenvolvida nessa dissertação. Além disso, nesse capítulo, apontamos para direções a serem seguidas em pesquisas futuras sobre obviação em kadiwéu.

1.1 – Os Kadiwéu

Os Kadiwéu são descendentes dos Mbayá, um dos povos do Gran Chaco que integrava o grupo étnico e linguístico Guaikurú. Eles são os únicos descendentes sobreviventes dos Mbayá (SANDALO, 1996). Além dos Kadiwéu, atualmente, também fazem parte do grupo Guaikurú os povos Mocovi, Toba e Pilagá. Além dos Mbayá, também estão extintos, atualmente, os Abipón e os Payaguá (MESSINEO, 2000).

Os índios Kadiwéu são conhecidos pela sua habilidade na cavalaria. Os Mbayá Guaikurú, ascendentes dos Kadiwéu, já apresentavam alguma preponderância sobre outros grupos indígenas antes da introdução do cavalo europeu. Com a introdução desse animal na região, entre os séculos XVI e XVII, essa preponderância aumentou, pois o cavalo lhes permitiu aumentar o território e o poderio bélico, já que, graça ao animal, os Kadiwéu puderam entrar em contato com grupos indígenas mais distantes para escravizá-los ou impor a esses uma espécie de subordinação (JOSÉ DA SILVA, 2004). Eles se adaptaram muito bem ao cavalo e, no passado, desenvolveram uma técnica própria de montaria, registrada por Debret, em 1820[2]. Eles montavam ao lado do cavalo à galope, em vez de em cima do animal. Em combate, seguravam-se no animal com uma mão e, na outra, portavam uma lança longa. Para se protegerem, eles usavam um gibão feito de couro de onça que ia até o joelho. Esse gibão era de difícil penetração, inclusive às balas de espingarda da época (BERTELLI, 1987).

O povo Kadiwéu também é conhecido por suas pinturas corporais e decoração de cerâmicas. As mulheres são as responsáveis por essa produção artística. De acordo com Bertelli (1987), as mulheres Kadiwéu dominaram de tal modo a técnica para estabilização da pasta de urucum, para tintura vermelha, que essa pasta tinha valor comercial em relação a índios de outras etnias. O autor também cita a produção de tintas feitas a partir do jenipapo, que permitia a confecção de tinta azul violeta ou um negro-azulado, por meio de técnicas diferentes. Essas tintas podem ser usadas na arte corporal ou na produção de artesanatos. Entre as técnicas usadas na produção artesanal das mulheres Kadiwéu, também vale citar que elas utilisam resina vegetal de pau santo ou jatobazeiro como um verniz de acabamento aos objetos de cerâmica, osso, madrepérola e madeira (BERTELLI, 1987).

Diferente da maior parte das sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul, os Kadiwéu formam uma sociedade estratificada. Em um extremo dessa sociedade, há os nobres e os chefes, em outro, os servos e escravos (SANDALO, 1996). Os Kadiwéu,

[2] Esse quadro é intitulado “Carga de Cavalaria Guaicuru”.

originalmente, compõem uma sociedade guerreira. Segundo Ribeiro (1980, p.20) "A guerra foi para a sociedade Guaikuru uma fonte de riquezas e prestígio social, já que o herói guerreiro era o ideal máximo da cultura, mas, principalmente uma fonte de servos." Segundo Sandalo (1996), como as práticas de guerra foram proibidas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a vasta classe dos guerreiros ficou sem ocupação.

No passado, as conhecidas habilidades na guerra desse povo levou o império brasileiro a contactá-lo para participarem na Guerra do Paraguai como aliados do império. Segundo, José da Silva (2004), essa participação afetou negativamente a população Kadiwéu, contudo é narrada com orgulho por índios Kadiwéu ainda hoje. Segundo o autor, é comum ser dito, na literatura em história e pelos próprios Kadiwéu, que a participação desses índios guerreiros na Guerra do Paraguai levou Dom Pedro II a doar terras para esse povo, contudo, nunca foi encontrada qualquer documentação que comprove esse fato. De qualquer modo, é fato que os Kadiwéu detêm uma região há muito tempo. De acordo com Sandalo (1996), a reserva indígena Kadiwéu conta com 538,000 hectares no estado do Mato Grosso do Sul. Os limites da reserva Kadiwéu são: ao norte, o rio Nabileque; a oeste, o rio Paraguai; ao sul, o rio Aquidauana; ao leste, a Serra da Bodoquena e o Rio Niutaque, afluente do Rio Nabileque (SANDALO, 1996).

1.2 – Estudos anteriores sobre a língua kadiwéu

O kadiwéu é uma língua de morfologia polissintética que pertence à família linguística Guaikurú. Essa família linguística subdivide-se em dois ramos: (1) o ramo austral, sendo o toba-qom, o pilagá e o mocoví as línguas vivas contidas nesse ramo; (2) o ramo guaikurú, que tem o kadiwéu como única língua viva pertencente a esse ramo (SANDALO, 1996). Segundo a última edição do *Atlas of the World's Languages in Danger* da UNESCO (MOSELEY, 2010), o kadiwéu conta com cerca de 1600 falantes e é considerada uma língua definitivamente em perigo de extinção.

Os primeiros estudos que se conhece do kadiwéu datam da década de 1970[3]. O primeiro deles é Griffiths (1973), que descreve os numerais e os demonstrativos em kadiwéu. O segundo é Griffiths & Griffiths (1976), que contém uma breve descrição fonológica e um estudo preliminar da morfologia verbal e nominal.

[3] Há um material mais antigo que não versa sobre a língua kadiwéu, mas sim sobre a língua dos Mbayá, povo do qual os Kadiwéu descendem. De acordo com Sandalo (1996), esse material é um esboço de gramática e dicionário feito por Sanchez Labrador em 1760 e publicado por Susnik (1971).

Na sequência, há o trabalho de Braggio (1981). Trata-se de uma dissertação de mestrado que visa, principalmente a descrever a fonologia do kadiwéu. Adicionalmente, aspectos da morfologia da língua e regras morfofonêmicas são discutidos.

Posteriormente, Glyn Griffiths apresenta novos estudos sobre orações relativas e sobre orações interrogativas em kadiwéu, em sua dissertação de mestrado (GRIFFITHS, 1987) e tese de doutorado (GRIFFITHS, 1991). Tais estudos também incluem uma discussão sobre a ordem dos constituintes e o movimento dos constituintes nessa língua.

Na década de 1990, há a tese de doutorado de Sandalo (1996). Essa tese apresenta uma gramática descritiva bem detalhada do kadiwéu. Nela é apresentada um estudo descritivo da fonologia, morfologia verbal e nominal e morfosintaxe da língua. Quanto aos aspectos mais teóricos, o parâmetro da polissíntese de Baker (1994) e o estudo de Jelinek (1984) sobre as propriedades das línguas não configuracionais são discutidos a partir dos exemplos do kadiwéu. Essa tese também apresenta, em apêndice, um dicionário kadiwéu-inglês-português.

A partir de 2000, há vários artigos de Sandalo sobre a língua em questão. Destacamos os artigos que versam sobre hierarquia de pessoa, voz inversa nessa língua ou temas relacionados a esse dois assuntos (NEVINS & SANDALO, 2010; SANDALO, 2005; 2009; 2014; 2015). Sandalo orientou duas iniciações científicas sobre kadiwéu: o estudo de Daltro (2004) que visava à construção de um banco de dados lexicais e a análise morfológica de narrativas dessa língua e Sena (2015) sobre afixos verbais marcadores de pessoa em kadiwéu. Em 2002, Glyn Griffiths apresenta um dicionário da língua. Por fim, há a dissertação de mestrado de Souza (2012) sobre variações fonológicas e lexicais entre o kadiwéu falado por homens e por mulheres.

1.3 – Metodologia

Os materiais utilizados nessa pesquisa como fontes de dados foram dois dicionários da língua kadiwéu, um conjunto de narrativas, uma versão do Novo Testamento em kadiwéu e dados provenientes de textos acadêmicos sobre o kadiwéu. Os dicionários em questão foram: 1) o dicionário português – inglês – kadiwéu, em anexo na tese de Sandalo (1996); 2) o dicionário português – kadiwéu de Griffths (2002). As narrativas analisadas fazem parte do banco de dados kadiwéu pertencente aos projetos de pesquisa coordenados por Sandalo: (1) Hierarquia de pessoa em línguas brasileiras: assimetrias e fronteiras (sob financiamento do CNPq); (2) Fronteiras e Assimetrias em Fonologia e Morfologia (sob financiamento da FAPESP). A coletânea completa das narrativas do banco de dados kadiwéu é composta por

um grupo de 12 narrativas que se encontram arquivadas em planilhas do excel. A versão do Novo Testamento em kadiwéu (doravente NTK), disponível em pdf, foi feita por falantes nativos dessa língua sob coordenação de Glyn Griffiths. Por fim, foram retirados alguns dados dos textos acadêmicos de Sandalo (1996, 2009, 2014, 2015) e Nevins e Sandalo (2010).

Ao longo da pesquisa, a metodologia para seleção e análise dos dados mudou. Antes dessa pesquisa de mestrado, fizemos uma análise de 6 das narrativas da coletânea. Nas narrativas analisadas, cada frase é organizada em 3 linhas em uma planilha excel da seguinte maneira: na primeira linha, as palavras da frase, cada qual ocupando uma célula, são transcritas em kadiwéu; na segunda, a tradução palavra por palavra é dada; na terceira, é dada a tradução da frase como um todo. Exemplificamos abaixo:

(03)

oda	onigotibece	ewaligitibiwaji	ica	miditaga	ica	eledi	Godoigi
então	foram	passear	este	lá	este	outro	povo
E resolveram passear em outra aldeia							

Para cada grupo de três linhas, analisávamos os verbos presentes que continham o morfema *d-*. A partir da análise dessas 6 narrativas, trabalhamos com a hipótese de que havia referência alternada em kadiwéu[4]. Ao iniciar o mestrado, continuamos trabalhando com a mesma abordagem de análise das narrativas e com a hipótese de que o morfema *d-* indicava referência alternada nessa língua. Ao fim da análise das 12 estórias, essa hipótese se provou errada. De fato, alguns verbos variavam quanto à presença do morfema *d-*, mas nem sempre, como seria esperado caso houvesse referência alternada em kadiwéu. Além disso, percebemos que alguns verbos sempre tinham a presença do morfema *d-*, às vezes em contextos em que a hipótese da referência alternada não explicava.

Perceber isso nos levou a deixar as narrativas um pouco de lado. Nesse segundo momento da pesquisa, passamos a focar em informações sobre verbos do kadiwéu presentes nos dois dicionários. Listamos todos os verbos dos dois dicionários. Desses, selecionamos os verbos transitivos e os intransitivos[5] que continham o morfema *d-* somente na terceira pessoa.

Em um terceiro momento, buscamos exemplos de orações em que esses verbos transitivos estavam nos artigos sobre kadiwéu, nas narrativas e na versão do Novo Testamento

[4] O fenômeno da referência alternada diz respeito a uma marcação morfológica no nível da oração que sinaliza se a oração seguinte tem o mesmo sujeito ou um sujeito diferente. Comentamos um pouco sobre esse fenômeno na seção 2.2.4.

[5] Comentamos sobre esse grupo na nota de rodapé 20.

em kadiwéu (doravante NTK). Como dito anteriormente essa versão do NTK está em pdf[6], o que facilita a buscar por palavras. Buscamos exemplos com esses verbos transitivos e os separamos em dois arquivos word diferentes: verbos em que foi atestada uma variação em relação ao uso do morfema *d-* em contextos nos quais todos os argumentos eram de terceira pessoa; verbos sobre os quais todos os exemplos encontrados estão com a presença do morfema *d-* em contextos nos quais todos os argumentos eram de terceira pessoa.

Num quarto momento, analisamos esses grupos de verbos a fim de verificar se havia alguma razão semântica que motivasse a separação dos verbos transitivos em grupos. Foi percebido que verbos sobre os quais todos os exemplos encontrados estão com a presença do morfema *d-* na terceira pessoa parecem atribuir sempre o mesmo papel temático ao seus argumentos interno e externo. Falamos sobre esse grupo de verbos na seção 3.1.

Quanto aos verbos em que havia variação, entre os exemplos, da presença do morfema *d-* no verbo, não se notou diferença semântica de qualquer natureza. Então, em um quinto momento, voltamos à análise dos contextos dos quais os exemplos com esses verbos foram extraídos. Falamos sobre esses casos na seção 3.2.

1.3.1 – Apresentação dos dados

Quanto à apresentação dos dados, é preciso falar sobre dois pontos importantes: o alfabeto usado nos exemplos de kadiwéu que são apresentados nessa dissertação e a tradução dos mesmos.

Na literatura sobre kadiwéu, há textos em que os exemplos são escritos na ortografia kadiwéu (proposta por Glyn e Cinthia Griffiths 2006, p.120)[7] e há outros textos em que os exemplos estão transcritos fonemicamente, conforme proposta de Sandalo (1996). Optamos por usar a ortografia da língua. Essa escolha deve-se ao fato de que os Kadiwéu usam esse alfabeto na escola indígena. Desse modo, facilita-se, com essa escolha, o uso de informações sobre o kadiwéu contidas nessa dissertação que possam ser relevantes para a confecção de materiais didáticos futuramente. Para que o leitor saiba quais são as relações entre a transcrição fonêmica e a ortografia, reproduzimos, abaixo, tabelas dos autores anteriores sobre a língua kadiwéu:

[6] Essa versão está disponível online no site: http://www.scriptureearth.org/data/kbc/PDF/00-WNTkbc-web.pdf

[7] Esse trabalho foi anteriormente publicado, em 1976, na Série Linguística Nº 6. Nessa dissertação, utilizamos a versão digital disponibilizada pelo SIL em 2006. Na versão digital de 2006, há um anexo no qual o alfabeto proposto pelos autores é dado, na página 120. Não tivemos acesso à versão de 1976, para comparar se essa versão antiga também conta com esse anexo.

Tabela 01 - Fonemas vocálicos segundo proposta de Sandalo (1996)

	anterior		central		posterior	
	breve	longa	breve	longa	breve	longa
alta	i	i:				
média	e	e:			o	o:
baixa			a	a:		

Fonte: Sandalo (1996, p.15)

Tabela 02 – Fonemas consonantais segundo proposta de Sandalo (1996)

	bilabial	dental	alveopalatal	palatal	velar	uvular
oclusivas	p	t	c		k	q
e africadas	b	d	j		g	G
	b:	d:			g:	
nasais	m	n				
	m:	n:				
laterais		l				
		l:				
semi-vogais	w			y		
	w:			y:		

Fonte: Sandalo (1996, p.15)

Note que Sandalo (1996) usa o diacrítico ‘:’ para simbolizar fonemas longos em duração.

O alfabeto proposto por Griffiths&Griffiths (2006) segue reproduzido abaixo. Nessa proposta, observe que não há nenhum diacrítico identificando vogais e consoantes longas. O alongamento de vogais é representado pela escrita duplicada da vogal e o alongamento de consoantes não é considerado na representação proposta por esses autores.

Tabela 03 - Alfabeto proposto por Griffiths&Griffiths (2006)

Lista de consoantes	labial	alveolar	velar	uvular
oclusivas	p	t	c	k
	b	d	g	ɢ
africadas		x		
		j		
nasais	m	n		
laterais		l		
semi-vogais	w	y		
Lista das vogais	i	o		
	e	a		

Fonte: Glyn e Cinthia Griffiths (2006) p.120

Quanto à tradução dada aos exemplos, em alguns casos, daremos duas traduções. Quando houver duas traduções, a primeira tradução, seja ela em relação a exemplos de narrativas ou retirados do NTK, será uma tradução um pouco mais literal dada por nós quando julgarmos que essa tradução pode ser útil para que o leitor compreenda o exemplo. Essa tradução mais literal, quando for necessária, será identificada pela abreviação *(lit.)* no início da linha. Fizemos essa tradução com a ajuda dos dicionários (GRIFFITHS, 2002; SANDALO, 1996) e com base nos estudos feitos anteriormente por outros pesquisadores nessa língua. No caso de exemplos retirados das narrativas, a segunda tradução será a tradução livre dada por falantes nativos correspondente ao trecho. No caso de exemplos retirados da versão do NTK, a segunda tradução será o trecho correspondente no Novo Testamento em português[8].

O NTK tem, para cada grupo de versículos, um título que resume um pouco o assunto que está porvir naquele grupo de versículos. Como esses títulos não têm versão correlata no Novo Testamento em português, quando eles forem usados como exemplos, aparecerá

[8] Para a versão em português, usamos a Bíblia online disponível no site: https://www.bibliaonline.com.br/

somente a tradução que fizemos. Nesse caso, a tradução também será identificada pela abreviação *(lit.)* no início da linha.

2 – Pontos essenciais da gramática do kadiwéu

Este capítulo é dividido em três partes. Na seção 2.1, apresentamos uma visão geral dos morfemas verbais e nominais do kadiwéu. Na seção 2.2, apresentamos todos os estudos que conhecemos da literatura sobre as funções do morfema *d-,* que é um morfema central para a hipótese lançada no capítulo 3. Na seção 2.3, apresentamos, de modo detalhado, o que se sabe, na literatura sobre o kadiwéu, em relação aos morfemas verbais de pessoa. As informações dadas nesse capítulo ajudará o leitor a entender melhor os exemplos de kadiwéu dados ao longo da dissertação.

2.1 – Morfemas verbais e nominais: visão geral

Sandalo (1996) apresenta de forma bastante completa os principais afixos e clíticos verbais e nominais do kadiwéu. Nesse estudo, ela apresenta tais informações de modo resumido em duas tabelas que são reproduzidas abaixo[9]:

Tabela 04 - Morfemas nominais

-2	-1	0	+1	+2	+3	+4
possessive	alienable	ROOT	classifier	diminutive	number	nominalizer
i+ 1sg/pl.POSS	n-		-nigo ~ -co animal/plant	-nigi masculine	-adi	-jegi
~~g~~ad:+ 2sg/pl.POSS			-~~g~~an~~g~~a instrument	-na feminine	-pi	-~~g~~aci
l+ 3sg/pl.POSS			-ija cultivated plants		-~~g~~a	-awaa
~~g~~od+ 1pl.POSS			-~~g~~ikajoo actor		-ali	

Fonte:Sandalo (1996, p.42)

[9] Como mencionado na seção 1.3.1, estamos usando o alfabeto proposto por Griffiths&Griffiths (2006) para o kadiwéu e não a transcrição fonêmica de Sandalo (1996).

Tabela 05 - Morfemas verbais

-7	-6	-5	-4	-3		-2	-1	0	+1	+2	+3	+4			+5					+6		+7	
asp	neg	mood	number	person		reflexive	hither	ROOT	valence	asp	number	CLITIC string			CLITIC string					CLITIC string		CLITIC string	
				pron aff	sem-role							rel	repetitive	person	rel	dir I	dir II	pron clitic	sem-role	rel	number	rel	number
jag+ compl	nga+	domga + des	o- 3pl.SUB	j-	d- theme	n-	n-		=con ~can	-date l	-ga 1pl	t-	ak-	(+e) 3sg/pl CL	t-	+jo going	+ce outward	+i 1sg CL	-wa dative	t-	+niwac plural	t-	+waji plural
baga+ incompl	daga +	dga+ cond	et- imprs	a-					=cen	-gtlc	-i 2pl					+co going straight	+bigim upward	+ga 2sg/pl CL	-dom benefactive				
banaga + dur	ag+		(gi-) pl	y- ~ w- 3sg/pl SUB					=ken		-gi 1pl/2pl					+wa going together	+w~ +wgi inward	+e 3sg/pl CL	-c allative				
				i- 1sg OBJ					=gen ~gan							+n going inside	+gi toward	+go 1pl CL	-locom adessive				
				ga- 2sg/pl OBJ					=gad							+get going against	+we backward		-d theme				
				go- 1pl OBJ					=god							+b~ +bige intens	+nigi~ +n downward		-gi goal				
									=gegi								+cwac apart						
																	+ca absent						

Fonte: Sandalo (1996, p.41)

Por mais que as tabelas acima sejam bastante completas, é necessário fazer algumas observações quanto a certos morfemas apresentados na tabela 05. Primeiramente, observe que, de acordo com a tabela 05, o morfema *d-* (coluna -2), indica o papel semântico tema. Sandalo (2009) reanalisa tal morfema do kadiwéu como marcação de voz inversa. Na literatura de línguas indígenas brasileiras, este morfema é rotulado de relacional (Rodrigues 1953). Como esse morfema é bastante central ao estudo desenvolvido nessa dissertação, ele será discutido mais detalhadamente na seção 2.2. Outra questão importante diz respeito ao morfema *t-* (colunas +4, +5, +6 e +7). Nessa tabela, esse morfema é apresentado como morfema relacional, no entanto, em Sandalo (2009), ele é reinterpretado como consoante epentética, ocorrendo entre encontros vocálicos.

Nas colunas -2 e -1, são apresentados dois prefixos isomórficos *n-* : reflexivo e hither. Em estudos mais recentes (SANDALO, 2005 e 2009; NEVINS e SANDALO, 2010), mostra-se que há também o prefixo isomórfico *n-* como morfema antipassivo. A voz antipassiva é um fenômeno redutor de valência no qual se suprime completamente o argumento interno ou ele passa a ser apresentado como um objeto em caso oblíquo. Esse fenômeno é comum em línguas ergativas. Segue, abaixo, um exemplo de antipassiva em kadiwéu:

(04) nemata
Ø-n-ema:n-t-e-wa
3SUBJ- antipassive-want/love-EP-3OBL-dative
'He/she loves him/her in a distance'
(SANDALO, 2009, p.31)

Por fim, o kadiwéu tem tanto marcadores que indicam acréscimo quanto diminuição de valência. No entanto, não é possível, a partir da tabela 05, saber quais são os morfemas que indicam acréscimo ou diminuição de valência. Por isso, resumimos, abaixo, as explicações sobre o funcionamento desses morfemas, de acordo com Sandalo (1996). Vale dizer que é muito comum, em kadiwéu, orações que contêm objeto(s) e sujeito nulos. Por ser uma língua de morfologia polissintética, os morfemas, principalmente os verbais, dão conta de passar muita informação. Logo, reconhecer os morfemas de valência ajuda na investigação de quantos argumentos estão envolvidos em uma oração.

A adição de um dos sufixos *-ɣan*, *-ɣen*, *-ken,-cen, -ɣod, -ɣad* e *-ti* a um verbo inergativo permite derivar um verbo transitivo:

(05) a. jocolena~~g~~a.
j-ocolen-~~g~~a
1.PL.SUBJ-bet-PL
'We gamble.'

b. jocolena~~g~~ana~~g~~a
j-ocolen-~~g~~an-~~g~~a
1PL.SUBJ-bet-[+become]-PL
'We bet it.'
(SANDALO, 1996. p.115)

A adição dos sufixos *-~~g~~an* ou *-~~g~~od* a um verbo bivalente permite a introdução de um novo argumento interno:

(06) a. ji~~g~~axi ejiwajegi.
j-i~~g~~axin ejiwajegi
1SG.SUBJ-teach/learn-[+become] Kadiwéu
'I teach Kadiwéu.'

b. ji~~g~~axin~~g~~ateki ejiwajegi.
j-i~~g~~axin-~~g~~an:-t+e-k ejiwajegi
1SG.SUBJ-teach-[+become]-REL+3SG.CL-allative Kadiwéu
'I teach him Kadiwéu.'
(SANDALO, 1996. p.116)

A adição do sufixo *-~~g~~ad* a um verbo já bivalente permite derivar um verbo causativo:

(07) a. nadila.
y-n-adila
3.SUBJ-hither-borrow
'He borrows it.'

b. nadila~~g~~adi.
y-n-adila-~~g~~ad
3.SUBJ-hither-borrow-[+cause]
'He makes (one)borrow it.'
(SANDALO, 1996.p.114)

A adição do sufixo *-ti* a um verbo intrasitivo permite derivar uma construção causativa:

(08) a. jinico
j-n-icon
1SG.SUBJ-hither-sit.down
'I sit down.'

b. id:icoti
j-d:-icon-ti
1SG.SUBJ-theme-sit.down
'I sit myself down.'
(SANDALO, 1996.p.115)

A adição dos sufixos *-can* e *-con* permitem derivar um verbo inergativo a partir de um verbo bivalente:

(09) a. jilaji.
j-laji
1SG.SUBJ-laugh
'I laugh at it.'

b. jilajica.
j-laji-can
1SG.SUBJ-laugh-[-become]
'I laugh.'
(SANDALO, 1996. p.117)

Como pode ser observado no exemplo (09.b), nem sempre os morfemas de valência que terminam em consoante nasal são realizados com essa consoante. De acordo com Sandalo (1996, p.18), consoantes sonorantes são deletadas em fim de palavra ou em fronteira com clíticos.

2.2 – O morfema *d-* em kadiwéu: estudos anteriores

2.2.1 - As funções do morfema d- segundo Sandalo (1996)

O morfema *d-* em kadiwéu, que é central à hipótese defendida no capítulo 3, foi ignorado em estudos anteriores aos de Sandalo (e.g. Griffiths (1976) e Braggio (1981)). O primeiro estudo a tratá-lo como um morfema em separado, e não parte do verbo ou parte do morfema de concordância, foi Sandalo (1996). Nesse estudo, o morfema *d-* é analisado como um sinalizador de que o argumento que precede o verbo é tema e ocorre em orações transitivas com objeto de primeira e segunda pessoa, na passiva e na reflexiva. Sandalo (1996) sugere que kadiwéu apresenta construções passivas, mas não tem um morfema específico para determinar essa voz. A autora aponta para essa possibilidade a partir da variação referente à presença do morfema *d-* que percebe entre orações cujos argumentos são de terceira pessoa:

(10) a. yajigota.
y-ajigo-t+e-wa
3SG.SUBJ-give-REL+3SG.CL-dative
'He gives it to him.'

b. dajigota.
y-d:-ajigo-t+e-wa
3SG.SUBJ-theme-give-REL+3SG.CL-dative
'It was given to him.'
(SANDALO, 1996. p.69)

Sandalo (1996) não se extende sobre o estudo da voz passiva. De qualquer modo essa interpretação de que o exemplo (10.b) está na voz passiva é bastante relevante para a hipótese apresentada no capítulo 3 dessa dissertação, por isso ela será comentada de modo mais aprofundado no subcapítulo 3.2.

Quanto à voz reflexiva, como visto na tabela 05 (coluna -2), Sandalo (1996) propõem que *n-* é o morfema reflexivo. Observa-se que, nos exemplos dados pela autora para voz reflexiva, o morfema *d-* também está sempre presente:

(11) id:inal:eka~~g~~a.
j-d:-n-al:eka-~~g~~a
1pl.SUBJ-theme-refl-shave-pl
'We shave ourselves.
(SANDALO, 1996, p.49)

Como mencionado acima, para Sandalo, o morfema *d-* indicaria a presença de um argumento tema em posição pré-verbal.

2.2.2 – O morfema d- como morfema inverso

Como citado anteriormente, Sandalo (2009) reanaliza o morfema *d-*, focando, principalmente, nas orações transitivas em que o morfema aparece. Nesse estudo, a autora mostra que, em kadiwéu, há voz inversa e essa é representada pela presença do morfema *d-* no verbo. Nessa seção, buscamos dar uma breve explicação do que é voz inversa, de modo geral; posteriormente, resumimos a proposta de Sandalo (2009)[10].

Embora seja um fenômeno bem descrito na literatura, de acordo com Klaiman (1993) não há consenso quanto à definição do mesmo. O autor acha que isso se deve, provavelmente,

[10] A única análise gerativista da voz inversa apresentada nessa seção é a de Sandalo (2009). Caso haja interesse em outras propostas gerativistas para esse assunto, conferir Zubizarreta e Pancheva (2017), que trata da voz inversa em guarani paraguaio, e Oxford (2016), que trata da voz inversa em línguas algonquianas.

à variabilidade na manifestação formal desse fenômeno nas línguas em que ele é presente. No entanto, é amplamente reconhecido que se trata de um fenômeno que envolve o ranqueamento de argumentos de um verbo de acordo com uma dada hierarquia de pessoa.

Segundo Gildea (1994) os sistemas inverso são, de algum modo, uma anomalia, tipologicamente falando. Esses sistemas parecem pertencer à tipologia das marcações de casos e sistemas de concordância verbal e, simultaneamente, à tipologia dos sistemas de voz. Pensando na tipologia do fenômeno, segundo Fadden (2000), as línguas que contam com sistema inverso variam em relação a quantas propriedades típicas de uma construção inversa elas contêm, de modo que há um continuum de sistemas inversos, variando de línguas que apresentam um sistema inverso mais forte a línguas que apresentam um sistema mais fraco. De acordo com a autora, o sistema inverso pode ser determinado por uma hierarquia semântica entre os participantes, baseada em traços, como, por exemplo, de pessoa e animacidade, e/ou pode ser determinado por uma relativa proeminência discursiva entre duas terceiras pessoas.

O que Fadden (2000) chama de sistema inverso determinado por hierarquia semântica, Gildea (1994) chama de alinhamento inverso e oferece uma descrição generalista do seu funcionamento. Segundo o autor, em casos nos quais o alinhamento inverso ocorre, quando participantes de atos de fala (as primeira e segunda pessoa) são sujeito ou objeto de um verbo transitivo, a morfologia que indica voz direta ou inversa é gramaticalmente determinada: quando o sujeito é de primeira ou segunda pessoa e o objeto é de terceira, a oração deve ter morfologia direta; quando o sujeito é de terceira pessoa e o objeto é de primeira ou segunda pessoa, a oração deve ter morfologia inversa; quando ambos sujeito e objeto são de primeira e segunda pessoa há línguas que apresentarão uma hierarquia entre essas pessoas e há línguas em que ambos os argumentos serão tratados como iguais, não permitindo a distinção entre voz direta/inversa.

No caso do kadiwéu, Sandalo (2009) explica que para saber se um verbo transitivo concorda com o sujeito ou com o objeto, nessa língua, é necessário ter em mente que seu sistema de voz inversa está relacionado ao padrão de hierarquia de pessoa dessa língua. Mais especificamente, quando o objeto é superior ao sujeito, de acordo com o padrão de hierarquia de pessoa (1.pl.OBJ > 2 > 1 > 3), um sistema de voz inversa é desencadeado: o argumento interno é deslocado para uma posição pré-verbal. A concordância será, na maioria das vezes, com esse objeto, devido ao fato de este ser, nesta situação, o argumento superior na

hierarquia. Observe os padrões de concordância nos exemplos abaixo[11]. Quanto aos exemplos de 12-a a 12-f, perceba que o verbo nunca concorda com o argumento de terceira pessoa quando há um outro argumento de primeira ou segunda pessoa na oração, seja este sujeito ou objeto. Quanto aos exemplos 12-g e 12-h, observe que, quando os argumentos da oração são de primeira singular e segunda pessoa, como nesses dois casos, o verbo concorda com a segunda pessoa. A presença de voz inversa é ainda sentida porque o argumento interno ocorre na posição pré-verbal e o morfema *d-* deve aparecer obrigatoriamente:

(12) a. ee jemaa ijo
ee j-emaan ijo
1.PRO 1.SUBJ-amar CLFN
'Eu amo ele'

b. ijo ee idemaa
ijo ee i-d-emaan
CLFN 1.PRO 1.OBJ-INV-amar
'Ele me ama'

c. oko jemaana~~g~~a ijo
oko j-emaan-~~g~~a ijo
1.PL.PRO 1.SUJ-amar-PL CLFN
'Nós amamos ele'

d. ijo oko ~~g~~odemaa
ijo oko ~~g~~o-d-emaan
CLFN 1.PL.PRO 1.PL.OBJ-INV-amar
'Ele nos ama'

e. akaami emaani ijo
akaami a-emaan-i ijo
2.PRO 2.SUJ-amar-PL CLFN
'Você ama ele'

f. ijo akaami ~~g~~ad:ema:ni
ijo akaami ~~g~~a-d-emaan-i
CLFN 2.PRO 2.OBJ-INV-amar-PL
'Ele ama você'

g. ee akaami ~~g~~ademaani
ee akaami ~~g~~a-d-emaan-i
1.PRO 2.PRO 2.OBJ-INV-amar-PL
'Eu amo você'

[11] Nessa seção, mostramos o paradigma de concordância para verbos transitivos, em kadiwéu, por meio de exemplos. O foco, nessa seção, são os casos em que há voz inversa, representada morfologicamente pelo morfema *d-,* desencadeada pela hierarquia de pessoa proposta por Sandalo. Na seção 2.3, focamos nos marcadores de concordância do kadiwéu de um modo geral, então, outros paradigmas são discutidos.

h. akaami ee ademaani
akaami ee a-d-emaan-i
2.PRO 1.PRO 2.SUJ-INV-amar-PL
'Você me ama'
(SANDALO, 2009. pp.29-30. *Traduzido*)

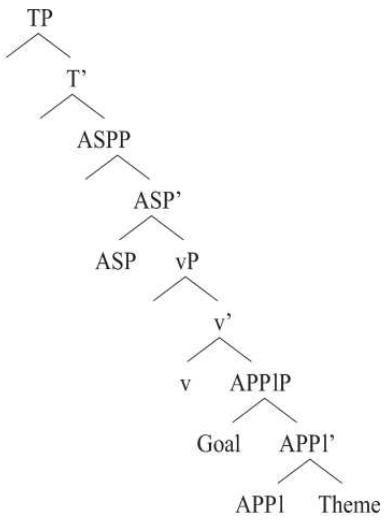
Quanto à ordem dos constituintes, Sandalo (2009) nota que argumentos internos de primeira e segunda pessoa devem preceder o verbo (ordem OV obrigatória), diferentemente do que ocorre com argumentos de terceira pessoa. Esse fato pode indicar que há movimento do argumento interno para fora de VP nos casos da primeira e segunda pessoa. Contudo, esse fato em si não é evidência conclusiva para tal. Sendo assim, a autora faz testes sintáticos com advérbios para diagnosticar se houve movimento[12]. Sandalo mostra, por meio de exemplos elicitados, que os advérbios podem ser inseridos entre o verbo e o objeto quando a ordem é OV, mas não permitem isso quando a ordem é VO. Esse fato é um forte indicativo de que a ordem OV ocorre devido ao movimento do argumento interno.

Sandalo também mostra que quando o objeto é um foco contrastivo ele ocupa uma posição preverbal, mesmo que esse argumento seja de terceira pessoa. A única diferença é que o objeto de terceira pessoa, nessa posição, não desencadeia concordância obrigatória com o objeto. Considerando isso, a autora se pergunta se esse objeto de terceira pessoa deslocado por ser foco contrastivo não estaria na mesma posição que os objetos deslocados de primeira e segunda pessoa discutidos acima. Contudo, a partir de testes com uma partícula negativa, a autora observa que a posição do argumento interno de primeira ou segunda pessoa deslocado é mais alta do que a posição do objeto de terceira pessoa preverbal por ser foco contrastivo.

Com base em fatos como esses, Sandalo (2009) propõem que o morfema inverso *d-* é o núcleo de uma projeção funcional que recebe um argumento interno deslocado para fora de VP. Segundo autora, o morfema inverso é a realização morfológica de Aspº e o argumento interno deslocado se move para o especificador de AspP, de acordo com a estrutura sintática reproduzida abaixo:

[12] De acordo com Pollock (1989), advérbios são adjungidos ao VP. Desse modo, todos os elementos que precedem o advérbio estariam fora de VP ao passo que os que vem após o advérbio estariam dentro do VP.

(13) Phrase Structure



(SANDALO, 2009. p.36)

2.2.3 – Os estudos de Nevins e Sandalo (2010) e Sandalo (2014;2015)

Não havia nenhuma evidência de que o morfema analisado, o morfema *d-*, seria, de fato, aspectual. Assim, embora Nevins e Sandalo (2010) e Sandalo (2014, 2015) mantenham a análise de voz inversa, eles tentam formalizar melhor a ideia dentro do quadro gerativista. Há movimento do argumento interno para fora de VP como Sandalo (2009) mostra. Mas seria mesmo *d-* o núcleo de uma projeção? Que projeção? Nevins e Sandalo (2010) e Sandalo (2014; 2015) analisam a presença do morfema *d-* como indicativo de uma concordância extra com um argumento interno que passou pela borda de *v*P (concordância com *v*, enquanto a outra concordância que aparece é com T). Nevins e Sandalo (2010) consideram essa concordância como marca do traço [+participante], visto que o elemento deslocado é de primeira e segunda pessoa e esse traço especifica primeira e segunda pessoa sem fazer distinção.

Sandalo (2014) concorda com a análise de Nevins e Sandalo (2010) de que o morfema *d-* indica concordância com um argumento interno deslocado para a fronteira de *v*P, mas descorda de que se trate de uma marcação de traço [+participante], dado que há casos com argumentos de terceira pessoa em que esse argumento é deslocado para frente do verbo e o verbo recebe o morfema *d-*, como ocorre com verbos inacusativos e voz reflexiva:

(14) ijo dinema
'Ele se ama'.
(SANDALO, 2014, p.652)

Considerando esses fatos, Sandalo (2014) defende que o morfema *d-* de fato marca concordância com algum elemento que passou pela borda de *v*P, contudo é um morfema subespecificado para pessoa. De modo geral, Sandalo (2015) apresenta a mesma proposta de análise do morfema *d-* presente em Sandalo (2014), mas é mais rico em exemplos que o estudo anterior. Vale notar que o trabalho apresentado por Sandalo (2015) também fala um pouco sobre duas estruturas não citadas anteriormente nas quais o argumento interno é fronteado: a voz média e certa classe de verbos psicológicos que se comporta como se esses verbos fossem inacusativos. A proposta presente em Sandalo (2014, 2015) dá suporte à hipótese defendida no capítulo 3 de que há obviação em kadiwéu.

Conclue-se, assim, que a presença de *d-* sinaliza voz inversa, que é entendida, dentro do gerativismo, por Sandalo, como movimento de um argumento interno para uma posição múltipla de TP. TP irá abrigar ambos argumentos interno e externo e o argumento a concordar nesse caso depende da língua. Há línguas em que a concordância é sempre com o argumento mais próximo, como em mbayá (SANDALO, comunicação pessoal), mas em kadiwéu há ainda empobrecimento morfológico de primeira pessoa e o verbo concorda com a segunda pessoa se houver um argumento de segunda pessoa em uma das projeções de TP (cf. NEVINS & SANDALO, 2010).

2.2.4 – Hipótese da Referência Alternada

Por fim, é necessário comentar a hipótese de que o morfema *d-* indicaria referência alternada. Esse fenômeno foi primeiramente identificado por Jacobsen (1967). Segundo esse autor, tal fenômeno consiste no fato de que uma mudança no sujeito ou agente é obrigatoriamente indicada, em certas situações, por um morfema. Posteriormente, Haiman e Munro (1983) definem referência alternada como uma categoria flexional do verbo que indica se o sujeito da oração em questão é idêntico ao sujeito de algum outro verbo. Na maior parte das línguas já estudadas que apresentam um sistema de referência alternada existem tanto marcador(es) de sujeito igual quanto de sujeito diferente.

A hipótese da referência alternada em kadiwéu surgiu a partir da análise de casos em que o morfema *d-* aparecia em orações com argumentos de terceira pessoa em que o verbo não era inacusativo e nem a oração estava na voz reflexiva. Daltro (2004), Sandalo (2009,

2014)[13] e Sena (2015) trabalharam com essa hipótese. Segundo ela, a marcação de referência alternada em kadiwéu, que se daria por meio do morfema *d-*, ocorreria nos casos em que os sujeitos que estão sendo relacionados são distintos.

Ao longo do estudo durante o mestrado, percebemos que essa hipótese estava errada. Tais equívocos se deveram, provavelmente, à quantidade de dados analisados. Somente com a análise de mais dados, presentes na versão do NTK em kadiwéu, foi possível entender melhor o funcionamento desse morfema e perceber que ele indica a existência da obviação em kadiwéu. Em outras palavras, há uma hierarquia entre argumentos de terceira pessoa de verbos transitivos, motivada por questões semânticas ou pragmáticas, que pode desencadear a voz inversa, representada morfologicamente pelo morfema *d-*.

Embora sejam fenômenos distintos, segundo Sterling (1993, p.56), alega-se que a obviação motivada por critério pragmático[14] é fenômeno funcionalmente comparável ao da referência alternada. Para Camacho (2013), um ponto em comum que temos entre os fenômenos de referência alternada e obviação é o fato de que ambos fenômenos interagem com a questão da topicalidade. O autor observa que a marcação proximativa indica continuidade do tópico, ao passo que a marcação obviativa indica mudança de tópico. De modo similar, a referência alternada pode indicar continuidade de tópico, ao marcar sujeitos iguais, e pode indicar mudança de tópico, ao marcar sujeitos diferentes.

Essa similaridades entre os fenômenos podem levar à confusão. Há dados que podem ser interpretados como evidência de referência alternada ou de obviação:

[13] Vale destacar que Sandalo (2009) aventa duas possibilidades para esses casos, obviação ou referência alternada, mas dá mais ênfase para a hipótese de que seja referência alternada.
[14] Esse tipo de obviação será explicado mais detalhadamente no subcapítulo 3.2. De qualquer modo, a explicação introdutória dada no capítulo 1 é suficiente para a discussão feita nesta seção.

(15) Oda nigijo l-iwigadi l-anikoa nagajo galopa
CONJ CLFN 3.POSS-animal 3.POSS-queda CLFN garrafa

oda jaganoya
oda jag-a-Ø-n-oya
CONJ COMPL-EP-3.SUJ-ANT-quebrar

Então o cachorro caiu na garrafa e ela quebrou.

Nigidiagidi oda ja dibata niGijo l-iwigadi
Nigidiagidi oda ja Ø-d-iba-t-e-wa niGijo l-iwigadi
depois CONJ ADV 3.SUJ-INV-pegar-EP-3-DAT CLFN 3.POSS-animal

coda eliodi me y-ela-t-e-ma
CONJ muito COMP 3.SUJ-zangar-EP-3-?

Então o menino, muito bravo, pegou o animal
(Corpus Kadiwéu - História do Sapo – trecho)

Considerando, as orações 'a garrafa quebrou' e '[o menino] pegou o animal', o morfema *d-* presente no verbo *iba* (pegar) poderia ser interpretado como indicativo de referência alternada, mostrando que os sujeitos dessas orações diferem. Na sequência, a não presença do morfema *d-*, na oração seguinte, poderia ser entendida como uma confirmação de que existe referência alternada, pois a não presença do morfema *d-* seria decorrente do fato de que os sujeitos de '[o menino] pegou o animal' e de '[o menino] zangou-se [com o animal]' são iguais.

A presença ou não do morfema *d-* nesse mesmo exemplo pode ser também explicada como sendo indicativo de que a língua tem obviação. Em '[o menino] pegou o animal', a presença do morfema *d-* no verbo é reflexo do fato de o objeto da oração ser o argumento proximativo. Como na oração '[o menino] zangou-se [com o animal]' o sujeito é proximativo, a voz inversa não é acionada.

Esse exemplo é trazido com o objetivo de mostrar que, a depender da quantidade de dados a se tenha conhecimento, é possível confundir um fenômeno com o outro. De fato, isso é tão possível que já ocorreu em relação ao kadiwéu. Como falado anteriormente, Daltro (2004), Sandalo (2009, 2014) e Sena (2015) já trabalharam com a hipótese de que esses casos em que o morfema *d-* aparece e só há argumentos de terceira pessoa indicavam a existência de referência alternada nessa língua. Contudo, a partir da análise de um número maior de dados, percebemos que essa hipótese não se sustenta. De fato, como foi mostrado brevemente na introdução e como será apresentado de modo detalhado no capítulo 3, os dados sustentam a hipótese de que há obviação em kadiwéu.

Outro fato interessante em relação à obviação e à referência alternada, segundo Camacho (2013, p.21) é que, tipologicamente, há poucas línguas que contam com obviação e

referência alternada ao mesmo tempo. O autor vê essa quase distribuição complementar como um possível sinal de que, em algum nível, são fenômenos muito relacionados. Ele sugere, como uma possível conexão estrutural, que a referência alternada e, em alguma medida, também a obviação, dependem parcialmente de projeções funcionais de pessoa localizadas em CP.

2.3 – Marcadores de concordância

Os estudos de Sandalo (1996), Griffths (2002), Sandalo (2009) e Nevins e Sandalo (2010) são os principais textos da literatura sobre kadiwéu que apresentam os afixos verbais marcadores de pessoas de modo sistemático.

Quanto à questão dos marcadores de concordância, o trabalho de Sandalo (2009) continua o estudo desenvolvido anteriormente em Sandalo (1996) e apresenta uma análise mais detalhada em relação a esses marcadores, principalmente em relação à prefixos de terceira pessoa. Abaixo, reproduzimos a tabela apresentada em Sandalo (2009):

Tabela 06 - Marcadores de concordância

	SUBJECT (transitive)	**SUBJECT (intransitive)**	**OBJECT**
1sg	j-	i-	i-
2sg	a-... –i	a-...-i	ga-… -i
3sg	y- ~ w-	∅	∅
1pl	j-...- ga	i-...ga	go-
2pl	a-...-i	a-...-i	ga-...-i
3pl	y-...-ga	o~ ∅	∅

Fonte: Sandalo (2009, p.32)

Segundo Sandalo (2009), a concordância em kadiwéu se dá por meio de um sistema tripartido a depender de se o verbo concorda com um sujeito de verbo transitivo, intransitivo ou com o objeto, como é apresentado na tabela 06. É importante lembrar que, como explicado no subcapítulo 2.2.2, em kadiwéu, a voz inversa é acionada quando há objeto de primeira ou segunda pessoa na oração. Por fim, deve-se levar em conta que verbos inergativos apresentam

o mesmo paradigma de concordância que verbos transitivos[15]. Os verbos que seguem o padrão de concordância do sujeito intransitivo são os verbos inacusativos, reflexivos, antipassivas, e verbos que contém incorporação nominal (Sandalo, 2009. pp.30-31). Vale lembrar que, na tabela 06, está faltando a combinação de morfemas "*o-y-",* comumente usada para representar sujeito de 3ª do plural de verbos transitivos e inergativos.

Nevins e Sandalo (2010), apresentam uma versão mais "enxuta" da tabela 06, ao afirmar que há dois padrões de concordância: sujeitos de verbos inacusativos apresentam o mesmo paradigma de concordância verbal de objetos e sujeitos de inergativos apresentam o mesmo paradigma de concordância verbal de agentes de transitivos. De fato, a única e sutil diferença entre os paradigmas de sujeito de verbos intransitivos e de objeto da tabela 06 diz respeito à 2ª pessoa. Contudo, acreditamos que fazer a distinção apresentada em Sandalo (2009) é útil.

Nevins e Sandalo (2010) apresentam o exemplo a seguir como exemplo de verbo inacusativo:

Tabela 07 - Paradigma de concordância de verbos inacusativos

Exemplo	Glosa	Tradução
i-d-ici	1.OBJ-INV-heal	I healed
ga-d-icil-i	2.OBJ-INV-heal-2.PL	You healed
ici	heal	He/she healed
go-d-ici	1.PL.OBJ-INV-heal	We healed
n-ici-aga	3-heal-PL	They healed

Fonte: Nevins e Sandalo (2010, pp.5-6)

Observe que, no exemplo dado acima, o morfema *d-* não aparece na terceira pessoa e o morfema de concordância com a segunda pessoa é *ga-*. No entanto, há outros verbos inacusativos em que o morfema de concordância com segunda pessoa não é *ga -,* mas sim *a-*. Além disso, esses outros verbos inacusativos recebem o morfema *d-* mesmo quando o sujeito é de terceira pessoa. Exemplificamos abaixo com o verbo *abi* (levantar-se):

[15] Em nota, Sandalo (2009) esclarece que os verbos inergativos em kadiwéu são marcados como verbos transitivos cujos argumentos internos são de terceira pessoa, tal qual ocorre em línguas como o basco e georgiano. Assumindo Hale e Keyser (1993), a autora analisa esses verbos como lexicalmente transitivos.

(16) idabid
i-d-abi-d
1.SUJ.-INV-levantar-ATEL
Eu estou me levantando
(Corpus Kadiwéu - dicionário)

(17) adabititiniwacitowaji!
a-d-abi-d-i-t=niwac-t=waji
2.SUJ-INV-levantar-ATEL-2.PL-EP=PL-EP=PL
Vocês todos levantem!
(Corpus Kadiwéu - dicionário)

(18) oda jona dabiditacedi
oda jona Ø-d-abi-d-t-ac=e-d
CONJ T 3.SUJ-INV-levantar-ATEL-EP-REP=3.SG/PL-TEMA
(lit.) então ela já levantou novamente
(...) e levantou (...)
(Corpus Kadiwéu – História da mulher onça - trecho)

Pelos exemplos acima, percebe-se que o verbo *abi* (levantar-se) segue um padrão de marcação de concordância diferente da do verbo *ici* (sarar). Observe que mesmo o exemplo (18), em que o argumento é de terceira pessoa, apresenta o morfema inverso. Se comparamos com os exemplos da tabela (07), vemos que, na tabela, a frase cujo argumento é de terceira pessoa não recebe o morfema inverso, mas as outras pessoas recebem esse morfema.

Pelos exemplos acima, percebe-se que o verbo *abi* 'levantar-se' segue um padrão de marcação de concordância diferente da do verbo *ici* 'sarar'. Embora não se saiba ainda se há alguma razão por trás da distinção entre esses dois paradigmas, representados acima pelos exemplos dos verbos *ici* 'sarar' e *abi* 'levantar-se', pode ser que haja algum motivo para tal. Sendo assim, o modo como os paradigmas foram apresentados em Sandalo (2009) nos parece melhor, no momento.

Uma sistematização diferente da apresentada por Sandalo (1996, 2009) e por Sandalo e Nevins (2010) é apresentada por Griffths (2002). Esse autor organiza os afixos verbais marcadores de pessoa em cinco tabelas que são reproduzidas abaixo:

Tabela 08 - Verbo Transitivo (prefixos)[16]

Pessoas do sujeito	Sub-classe 1	Sub-classe 2	Sub-classe 3	Sub-classe 4	Sub-classe 5
1ª sing	j-; ej-	j-; ej-	j-	j-; #	id-: i-
2ªsing	i->a-	i->a-; #	#	i->a-	ɡad-
3ªsing	y-; ey-	d-; et-	w-	i->a-	y-
1ª plural	j-; ej-	j-; ej-	j-	j-; #	ɡod-
2ª plural	i->a-	i->a-	#	i->a-	ɡad-
3ª plural	oy-; on-	od-;ot-	ow-	o(i->#) ;on-	oy-

Fonte: Griffths (2002, p.236)

Tabela 09 - Verbo Transitivo (sufixos)[17]

Pessoas do sujeito	Sub-classe 1	Sub-classe 2	Sub-classe 3	Sub-classe 4	Sub-classe 5
1ª sing	#	#	#	#	#
2ªsing	-ni; -li; -mi	V>i; C>S	V>VV	#	#
3ªsing	#	#	#	#	#
1ª plural	-na; -la; -ma	V>a; C>S	V>VV	CV>Ca	#
2ª plural	-ni; -li; -mi	V>i; C>S	V>VV	i->a-; #	#
3ª plural	#	#	#	o(i->#); on-	#

Fonte: Griffths (2002, p.237)

[16] Segundo essa proposta, quando a primeira letra da raiz do verbo é "i-", há mudança da primeira vogal do verbo para "a-", o que é indicado por "i->a-". O símbolo # indica que nenhum sufixo é adicionado.

[17] Nessa tabela, "V>VV" significa que a vogal final da raiz se alonga; "CV>Ca" significa que a vogal final da raiz muda para "-a"; "C>S" significa que a consoante da última sílaba da raiz perde a sua sonoridade.

Tabela 10 - Verbo Intransitivo (prefixos)

Pessoas do sujeito	Sub-classe 1	Sub-classe 2	Sub-classe 3	Sub-classe 4	Sub-classe 5
1ª sing	j-; ej-	j-	j-	j-; #	id-: in-
2ªsing	i->a-; #	#	#	i->a-; #	ɡad-; an-
3ªsing	d-; et-	y-	w-	i->#; a-> e-	y-; n-
1ª plural	j-; ej-	j-	j-	j-; i	ɡod-
2ª plural	i->a-; #	#	#	i->a-	ɡad-; an-
3ª plural	n-; en-	y-	n- ;w-	i-># ; a->e-	y-; n-

Fonte: Griffths (2002, p.237)

Tabela 11 - Verbo Intransitivo (sufixos)

Pessoas do sujeito	Sub-classe 1	Sub-classe 2	Sub-classe 3	Sub-classe 4	Sub-classe 5
1ª sing	#	#	#	#	#
2ªsing	-ni; -li; -mi	V>i; C>S	V>VV	#	#
3ªsing	#	#	#	-ti	-ti
1ª plural	-na; -la; -ma	V>a; C>S	V>VV	CV>Ca	#
2ª plural	-ni; -li; -mi	V>i; C>S	V>VV	#	#
3ª plural	-na; -la; -ma	***	V>VV; ***	CV>Ca; ***	tiniwace

Fonte: Griffths (2002, p.238)

Tabela 12 - Objeto

Pessoa	Forma de Prefixos
1ª sing	id-; ad-
2ª sing	ɡad-
3ª sing	#
1ª plural	ɡod-

Fonte: Griffths (2002, p.332)

Como pode ser observado acima, Griffiths (2002) divide os verbos entre transitivos e intransitivos e para cada um desses grupos apresenta 5 paradigmas de prefixos e 5 paradigmas de sufixos que marcam a concordância com o sujeito, de acordo com 5 sub classes verbais. Segundo o autor, as sub-classes dos prefixos não correspondem necessariamente às dos sufixos (GRIFFITHS, 2002. pp.236-237). Desse modo, para cada verbo, existe uma combinação adequada de sufixos e prefixos dentro de um espectro de 25 possibilidades diferentes para representar a concordância com o sujeito. Além disso, Griffiths (2002) também apresenta um outro paradigma, para os casos em que o verbo concorda com o objeto, embora ele não justifique o que motiva a concordância com sujeito ou com objeto.

Ao analisar Sandalo (1996; 2009) em comparação com a proposta de Griffiths (2002), vemos que a maior parte das diferenças encontradas se dá porque certas partes que Griffths (2002) interpreta como sendo um afixo de pessoa é desmembrado, nos trabalhos de Sandalo, em mais de um afixo, não necessariamente de pessoa. Por exemplo, se comparamos a tabela 12, que se refere a prefixos de concordância com o objeto, segundo Griffths (2002), com a coluna referente à concordância com objeto da tabela 08, retirada de Sandalo (2009), vemos que a principal distinção seria que, para Griffths (2002), os prefixos sempre terminam em *'d'* (como *-god-*, para marcar 1pl.OBJ). Para Sandalo (2009), o morfema *d-* marca voz inversa.

No entanto, há morfemas de pessoa somente apresentados por Griffiths (2002). Esses casos referem-se à: classe dos transitivos, subclasse 1 de sufixos (tabela 09); classe dos intransitivos, subclasse 1 de sufixos (tabela 11); classe dos transitivos, subclasse 2 de prefixos (tabela 08); classe dos intransitivos, subclasse 1 de prefixos (tabela 10). Quanto aos sufixos apresentados por Griffths, não sabemos se são de fato morfemas de pessoa e o que motiva a presença ou não desses sufixos no verbo. Mais estudos sobre esses casos são necessários. Quanto aos prefixos, perceba que a diferença crucial entre as subclasses 1 e 2 da tabela 08 envolve somente a terceira pessoa. A nosso ver, a subclasse 2 da tabela 08 diz respeito ao grupo de verbos estudados na seção 3.1.2, no próximo capítulo[18].

[18] Não foi possível estudar a fundo o grupo de verbos que apresentam o padrão estabelecido na subclasse 1 da tabela 10. O que se sabe, até o momento, sobre esses verbos é comentado na nota de rodapé 20.

3 – Obviação em kadiwéu

Neste capítulo, focamos na presença do morfema verbal *d-* em orações transitivas em que os argumentos são todos de terceira pessoa e apresentamos a hipótese de que a presença desse morfema nesses casos remete a um uso da voz inversa desencadeado pela obviação. Obviação é um fenômeno no qual há um ranqueamento entre argumentos de terceira pessoa, em um dado contexto somente com argumentos de terceira pessoa. Em algumas línguas que contam com sistema inverso, a obviação faz parte desse sistema (FADDEN, 2000). Os critérios definidores desse raqueamento podem ser semânticos ou pragmáticos. Quanto aos critérios semânticos, animacidade, definitude e papéis temáticos podem ser relevantes para a obviação (CAMACHO, 2013). Em certas línguas, a proeminência discursiva, que é um critério pragmático, também desempenha um papel relevante na obviação. Nesses contextos em que a proeminência discursiva é um critério relevante, o argumento mais proeminente em um dado contexto será o argumento proximativo (3PROX) e os demais serão argumentos obviativos (3OBV).

Este capítulo é dividido em três partes. Na primeira parte, apresentamos casos que nos mostram que, com certos verbos psicológicos em kadiwéu, há uma hierarquia de papéis temáticos que se aplica somente a argumentos de terceira pessoa. Com esses verbos, quando todos os argumentos são de terceira pessoa, o argumento tema é sempre considerado hierarquicamente superior ao argumento experienciador. Defendemos que isso se deve à obviação em kadiwéu, desencadeada, nesses casos, por um critério semântico: hierarquia entre papéis temáticos. Na segunda parte, apresentamos exemplos que também atestam a existência de obviação pragmaticamente motivada em kadiwéu. Justificamos a defesa dessa interpretação com base em exemplos que nos mostram que, em orações cujos argumentos são de terceira pessoa, a presença do morfema *d-* sinaliza o desencadeamento da voz inversa motivado pela presença de um objeto 3PROX, e consequentemente um sujeito 3OBV. Na terceira parte, levantamos questões para estudos posteriores sobre como classificar o sistema inverso do kadiwéu.

3.1 – Obviação motivada por critério semântico

Nesse subcapítulo, tratamos de uma classe de verbos psicológicos em kadiwéu em que ocorre uma hierarquia temática que consideramos ser devida à obviação motivada por critério semântico, já que afeta somente a relação entre argumentos de terceira pessoa. Dividimos o

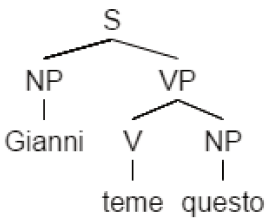
subcapítulo em duas partes. Primeiramente, descrevemos as classes de verbos psicológicos que conhecemos em kadiwéu, focando na questão da concordância verbal e presença do morfema *d-*. Na segunda parte, nos centramos na classe que é afetada pela obviação.

3.1.1 – Os verbos psicológicos em kadiwéu

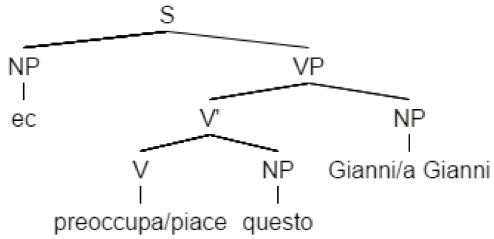
Em muitas línguas, os verbos chamados psicológicos, aqueles que contam com um argumento cujo papel temático é experienciador, apresentam um comportamento anômalo em relação a outros transitivos, o que chama à atenção. Um dos principais textos, dentro da tradição gerativa, que propõe as representações sintáticas desses verbos é Belletti e Rizzi (1988).

De modo resumido, esses autores distinguem os verbos psicológicos em três classes. A primeira classe diz respeito a verbos que se comportam como *temere*. Em orações com esses verbos, o sujeito tem o papel temático de experienciador e o objeto de tema. A segunda classe diz respeito a verbos que se comportam como *preoccupare*. Em orações com verbos dessa segunda classe, o sujeito tem o papel temático de tema e o objeto recebe o papel temático de experienciador. A terceira classe diz respeito a verbos que se comportam como *piacere*. Orações com esses verbos envolvem um argumento cujo caso é dativo e o papel temático é experienciador e outro argumento que recebe papel temático de tema. Em orações com verbos dessa classe, na estrutura-S, tanto um quanto o outro argumento podem aparecer na posição de sujeito. Para esses autores, ambos os argumentos dos verbos da classe *preoccupare* e *piacere* são argumentos internos na estrutura-D. Já os verbos da classe *temere* contam com argumento externo experienciador e argumento interno tema. Abaixo seguem as representações sintáticas propostas por esses autores:

(19) a.



b.



(BELLETTI; RIZZI, 1988. p.293)

A proposta desses autores parece adequada, no caso do kadiwéu, para os verbos da classe *temere*. A classe *temere* é a principal para esse estudo, pois é afetada pela obviação em kadiwéu. Por esse motivo, trataremos essa classe por último. Por hora, focaremos nas duas classes cuja proposta de Belletti e Rizzi (1988) não parecem adequadas, no caso do kadiwéu. Segue abaixo o padrão de concordância verbal junto ao morfema *d-* para a primeira dessas classes. Observe que verbos dessa classe apresentam o mesmo padrão de concordância que o de verbos inacusativos[19]:

Tabela 13 - Paradigma de concordância da classe I de verbos psicológicos

Exemplo	Separação morfológica	Glosa	Tradução
idoitibeci	i-d-oi-t-b-ce	1.ABS-INV-temer-EP-INTS-DIR	Eu temo
adoitibeci	a-d-oi-t-b-ce-i	2.ABS-INV-temer-EP-INTS-DIR-PL	Você teme
doitibeci	Ø-d-oi-t-b-ce	3.ABS-INV-temer-EP-INTS-DIR	Ele teme
idoigatibeci	i-d-oi-ga-t-b-ce	1.ABS-INV-temer-PL-EP-INTS-DIR	Nós tememos
adoitibecitiwaji	a-d-oi-t-b-ce-t-waji	2.ABS-INV-temer-EP-INTS-DIR-EP-PL	Vocês temem
doitibigiwaji	Ø-d-oi-t-b-gi-waji	3.ABS-INV-temer-EP-INTS-DIR-PL	Eles temem

Fonte: Griffiths (2000, p.270)

[19] O padrão de concordância de verbos inacusativos é apresentado na tabela 06 e é discutido no subcapítulo 2.3.

Essa classe de verbos foi analizada por Sandalo (2015) com base na proposta de Franco (2013) para o espanhol. Segundo Franco (2013), há certa classe de verbos psicológicos no espanhol em que o argumento tema recebe caso dativo:

(20) Juani se divierte con Maria.
Juan CL amuse with Maria
'Juan has fun with Mary.'
(FRANCO 2013, apud SANDALO 2015, p.86)

Segundo Sandalo (2015), isso também ocorre em kadiwéu com verbos como *oi* 'temer', cujo paradigma de concordância é apresentado na tabela (13). No exemplo (21), dado por Sandalo (2015), vemos que o argumento experienciador que concorda com o verbo é representado pelo morfema verbal típico de concordância com o argumento interno, o que permite supor que o experienciador tenha sido gerado como um argumento interno e tenha mudado para TP. Quanto ao argumento tema, observa-se que ele é um argumento oblíquo introduzido pelo aplicativo *wa*, que costuma introduzir argumentos de caso dativo:

(21) i-d:-o:i-te-wa laqe:di
1ABS-REL-fear-3OBL-APL snake
'He is afraid of snakes'
(SANDALO 2015, p.86)

Segue, abaixo, o padrão de concordância verbal junto ao morfema *d-* para a segunda classe de verbos psicológicos do kadiwéu. Observe que o padrão de concordância é o esperado para verbos transitivos, mas concorda com o objeto na primeira e segunda pessoa e com o sujeito na terceira pessoa:

Tabela 14 - Paradigma de concordância da classe II de verbos psicológicos

Exemplo	Separação morfológica	Glosa	Tradução
idaagidi	i-d-aagidi	1.OBJ-INV-esquecer	Eu esqueço
~~g~~adaagiti	*~~g~~*a-d-aagidi-t-i	2.OBJ-INV-esquecer-EP-PL	Você esquece
yaagidi	y-aagidi	3.SUJ-esquecer	Ele esquece
~~g~~odaagidi	*~~g~~o*-d-aagidi	1.OBJ-INV-esquecer	Nós esquecemos
~~g~~adaagititiwaji	*~~g~~*a-d-aagidi-t-i-t-waji	2.OBJ-INV-esquecer-EP-PL-EP-PL	Vocês esquecem
yaagiditibigiwaji	y-aagidi-t-bige-waji	3.SUJ-esquecer-EP-INTS-PL	Eles esquecem

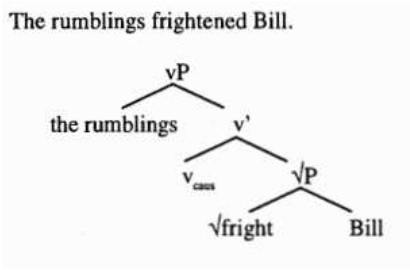
Fonte: Griffiths (2000, p.242)

Essa classe seria equivalente à *preoccupare* de Belletti e Rizzi (1988). A marcação verbal mostra que o argumento experienciador é interno, visto que, no caso da primeira e segunda pessoa, o verbo apresenta marcação de concordância com objeto de primeira e segunda pessoa, respectivamente. Na representação sintática de Belletti e Rizzi (1988) para os verbos da classe *preoccupare,* é proposto que essa classe diz respeito a verbos com dois argumentos internos, um tema e outro experienciador, e que o argumento tema sobe e ocupa a posição de sujeito. Nesse sentido, a representação proposta não parece adequada ao caso do kadiwéu, pois a concordância da terceira pessoa na tabela acima nos indica que o argumento que **não** é experienciador nasce como argumento externo, pois o morfema *y-* é a marcação verbal típica de concordância com argumento externo de terceira pessoa para verbos transitivos.

Para o caso do kadiwéu, a proposta de McGinnis (2000) é mais adequada. Ao refletir sobre certos fatos que ocorrem com verbos da classe *preoccupare*, McGinnis levanta certas questões que não são explicadas pela proposta de Belletti e Rizzi (1988): a) porque os verbos da classe *preoccupare* tem uma interpretação causativa; b) o alçamento à posição de sujeito proposto pelos por Belletti e Rizzi (1988) parece violar a minimalidade relativizada (RIZZI, 1990); c) o objeto experienciador de verbos psicológicos causativos recebe caso acusativo, assim como o objeto de qualquer verbo transitivo padrão; d) o verbo auxiliar aspectual usado com verbos psicológicos causativos em italiano é *avere*, assim como para os demais verbos transitivos, ao passo que os verbos inacusativos, nessa língua, tomam o auxiliar *essere.*

Com base na reflexão sobre esses fatos supracitados e levando em conta os estudos de Pesetsky (1995) – para quem os verbos psicológicos causativos têm um argumento externo, nomeado por ele como causador –, a autora lança uma proposta diferente de análise da estrutura argumental desses verbos psicológicos, dentro do quadro da Morfologia Distribuída. Para McGinnis (2000), esses verbos são introduzidos por um *v* de tipo causativo externo à raiz. Esse tipo de *v* não tem em si o conteúdo semântico necessário para licenciar um argumento tema. O que temos, nesse caso, é um argumento experienciador como complemento da raiz. O *v* causativo introduziria, então, um argumento com papel temático causador como argumento externo. Segue, abaixo, a representação sintática dada pela autora para esse caso:

(22)



(McGINNIS, 2000. p.131)

Pelo padrão de concordância do kadiwéu, nessa classe II de verbos psicológicos, o argumento externo, que tem papel temático de causador, teria sido gerado como argumento externo, o que se coaduna com a proposta de McGinnis. Por sua vez, o argumento interno receberia papel temático de experienciador. Podemos afirmar isso pelo fato de o morfema *-d:* não aparecer na conjugação elicitada para a 3ª pessoa do singular e plural, mas aparecer nas de 1ª e 2ª pessoa do singular e plural, em concordância com a hierarquia de pessoa da língua, como apresentado no subcapítulo 2.2.2.

Por fim, voltamos à classe de verbos psicológicos que realmente interessa para esse estudo sobre obviação. Essa terceira classe seria equivalente à *temere* como proposta por Belletti e Rizzi (1988). Nesse caso, a proposta desses autores é adequada, pois a marcação morfológica de concordância verbal indica que o argumento experienciador nasce como argumento externo. No entanto, a presença do morfema *d-* ocorre, de modo inesperado, quando os argumentos são de terceira pessoa. Segue, abaixo, o padrão de concordância verbal para a terceira classe de verbos psicológicos do kadiwéu:

Tabela 15 - Paradigma de concordância da classe III de verbos psicológicos

Exemplo	Separação morfológica	Glosa	Tradução
jeemitetibige	j-eemite-t-bige	1.SUJ-sentir-EP-INTS	Eu respeito
eemiteetibige	a-eemite-i-t-bige	2.SUJ-sentir-EP-INTS	Você respeita
deemitetibige	Ø-d-eemite-t-bige	3.OBJ-INV-sentir-EP-INTS	Ele respeita
jeemiteegatibige	j-eemite-ga-t-bige	1.SUJ-sentir-PL-EP-INTS	Nós respeitamos
eemiteetibigetiwaji	a-eemite-i-t-bige-t-waji	2.SUJ-sentir-PL-EP-INTS-EP-PL	Vocês respeitam
odeemitetibige	o-Ø-d-eemite-t-bige	PL-3.OBJ-INV-sentir-EP-INTS	Eles respeitam

Fonte: Griffiths (2000, p.271)

A presença do morfema *d-,* para os verbos dessa classe, somente quando os argumentos são de terceira pessoa é a base para a nossa hipótese de que há obviação em kadiwéu motivada por critérios semânticos. Analisamos essa classe de verbos mais detalhadamente na seção seguinte, em que defendemos a hipótese supracitada.

3.1.2 – Verbos psicológicos afetados por obviação

Os verbos psicológicos da classe III apresentam o padrão de concordância esperado para verbos transitivos quando o sujeito é de primeira ou segunda pessoa, mas apresentam um padrão diferente quando ambos os argumentos são de terceira pessoa. Segue, abaixo, o padrão de concordância verbal junto ao morfema *d-* para essa classe de verbos psicológicos do kadiwéu em comparação com o padrão de um verbo transitivo comum. Como demonstrado na seção 2.2.2, a concordância verbal em kadiwéu deve levar em conta a hierarquia de pessoa da língua. Sendo assim, para simplificar a comparação, os padrões dos verbos psicológicos da classe III e de verbos transitivos comuns apresentados abaixo, respectivamente, sempre consideram um argumento interno de terceira pessoa:

Tabela 16 - Comparação de paradigmas de concordância entre verbos transitivos comuns e verbos psicológicos da classe III

	Verbos transitivos	Verbos psicológicos da classe III
1sg.SUJ/3sg.OBJ	j	j
2sg.SUJ/3sg.OBJ	a- ... -i	a- ... -i
3sg.SUJ/3sg.OBJ	**y-**	**Ø-d-**
1pl.SUJ/3sg.OBJ	j- ... –ga	j- ... –ga
2pl.SUJ/3sg.OBJ	a-... -i	a-... -i
3pl.SUJ/3sg.OBJ	**o-y**	**o-Ø-d-**

Assumindo as análises de Sandalo (2009) – de que a presença do morfema *d-* indica voz inversa – e de Sandalo (2014; 2015) – de que o morfema *d-* é um morfema de concordância subespecificado com algum argumento interno que subiu para TP –, a presença do morfema *d-* em verbos psicológicos da classe III, somente quando os argumentos são de terceira pessoa, sugere que o verbo está concordando com objeto, nesses casos. Ou seja, há alguma hierarquia atuando somente na terceira pessoa, o que nos leva à hipótese de obviação.

Abaixo, são apresentados dados textuais com verbos que fazem parte desse grupo. Os primeiros exemplos são com o verbo *oletibige,* 'procurar', os terceiro e quarto exemplos são com o verbo *eemitetibige,* 'respeitar'. Nos exemplos (23) e (25), o sujeito é de primeira pessoa e o objeto é de terceira pessoa; nos exemplos (24) e (26), tanto o sujeito quanto o objeto são de terceira pessoa. Observe que, quanto à concordância verbal dos exemplos abaixo, em (23) e (25), os verbos concordam com o sujeito; em (24) e (26), a presença do morfema *d-* nos indica que os verbos concordam com o objeto:

(23) oda one icoa eliodi ejigo **joletebige** ionigi
oda one icoa e-l-iodi e-j-igo **j-ole-t=bige** i-ionigi
CONJ EV CFLN ?-3.POSS-pai ?-1.SUJ-ir **1.SUJ-ver-EP=INTS** 1.POSS-filho

Então disse o pai: eu vou procurar meu filho
(Corpus Kadiwéu - Exabigo versão 1 - trecho)

(24) Pida nigijo niganigawanigi idokee
Mas CLFN menino sempre

me **doletibige** nagajo ligedemaga
me **Ø-d-ole-t=bige** nagajo ligedemaga
COMP **3.OBJ-INV-ver-EP=INTS** CLFN sapo

Mas aquele menino sempre procurava aquele sapo
(Corpus Kadiwéu - História do Sapo - trecho)

(25) (...) "Nigijo maleegee nigaanigawaanigi naga **jeemitetibige**
Nigijo me-alee-gee nigaanigawaanigi naga **j-eemite-t=bige**
CLFN COMP-ainda-? criança CT 1.SUJ-sentir- EP=INTS

ijoatawece nigijoa liigenatakanegeco Aneotedogoji."
ijoatawece nigijoa l-iigenatakanegeco Aneotedogoji
todas CLFN 3.POSS-mandamento Deus

(lit.) ... "Ainda criança respeitei todos esses mandamentos de Deus".
... "Todas essas coisas tenho observado desde a minha mocidade".
(NTK - Lucas 18:21 - trecho)

(26) Cornélio goneleegiwa ane **deemitetibige** Aneotedogoji, (...)
Cornélio goneleegiwa ane **Ø-d-eemite-t=bige** Aneotedogoji
Córnélio homem RLTV **3.OBJ-INV-sentir-EP=INTS** Deus

(lit.)Cornélio, homem que respeita Deus, ...
Piedoso e temente a Deus, ...
(NTK - Atos 10:2- trecho)

Como visto no subcapítulo 2.2.2, Sandalo (2009) e Nevins e Sandalo (2010) mostram que os verbos transitivos em kadiwéu concordarão ou com o sujeito ou com o objeto da oração de acordo com o padrão de hierarquia de pessoa da língua (1.pl.OBJ > 2 > 1 > 3). Se o objeto for superior ao sujeito nessa hierarquia, o sistema de voz inversa da língua,

representado morfologicamente pelo morfema *d-*, é acionado e o verbo concordará com o objeto. Contudo, os estudos de Sandalo (2009, 2014, 2015) e Nevins e Sandalo (2010) não tinham chegado a constatar que, em kadiwéu, também há questões de hierarquia que dizem respeito somente à relação entre argumentos de terceira pessoa em verbos transitivos. Nesse caso, a hierarquia temática tema > experienciador ocorre. A presença do morfema *d-* em exemplos como o (24) e o (26) nos mostra que, em kadiwéu, quando os papéis temáticos em questão forem experienciador para argumento externo e tema para argumento interno, o argumento tema será considerado hierarquicamente superior. Em outras palavras, há uma restrição semântica relacionada à obviação – já que isso só ocorre em contextos em que os argumentos são de terceira pessoa – que faz o argumento tema ser 3PROX, enquanto o argumento experienciador será 3OBV[20].

Os verbos encontrados que apresentam o mesmo padrão de concordância verbal que o dos exemplos acima são todos verbos psicológicos[21] cujo argumento externo é experienciador e o argumento interno é tema. Outros verbos que seguem o mesmo paradigma de concordância de *oletibige* e *eemitetibige* são: *a~~g~~ata* 'confiar em alguém', *awice* 'se assustar com', *eemite* 'sentir', *eleta* 'clamar por', *ema~~g~~amatatema* 'necessitar de', *iojo* 'ficar bravo', *ibodice* 'ter notícias de', *iitege* 'aguentar', *ilide* 'querer ter', *iwikode* 'ter pena de', *oca* 'agradar a alguém', *o~~g~~eta* 'louvar', *ole* 'ver de longe', *oxitema* 'admirar alguém', *owocetege* 'rejeitar'.

É interessante notar que essa hierarquia não é, de fato, a hierarquia esperada. Em vários textos que analisam hierarquias temáticas, o argumento experienciador é apresentado como superior ao argumento tema (BELLETTI & RIZZI, 1988; BRESNAN & KANERVA, 1989; VAN VALIN, 1990; GRIMSHAW, 1990; SPEAS, 1990). Contudo, em línguas que contam com obviação, essa hierarquia esperada não é necessariamente o que encontramos. Também em navajo (JELLINEK & WILLIE, 1996), verbos psicológicos podem ser afetados pela obviação. Em navajo, quando temos experienciador > tema a voz é direta e quando se

[20] Existe um outro grupo de verbos que contam com a presença do morfema *d-* somente na terceira pessoa e o sujeito é experienciador, no entanto, esses verbos são aparentemente inergativos. Dentre os verbos que apresentam tal peculiaridade temos: *aati* 'desmaiar', *aale* 'respirar', *acaage* 'chorar alto', *acapena~~g~~a* 'gritar à toa', *atiide* 'lacrimejar', *awake* 'descançar deitado', *axixe* 'ficar em silêncio com medo', *ayaage* 'gritar de alegria', *iote* 'dormir', *okojo~~g~~ojoke* 'tremer de medo ou frio', *oojete* 'ficar com raiva'. Infelizmente, ainda não foi possível estudar esses verbos o suficiente para saber se eles são de fato inergativos ou se são transitivos e entender por que motivo eles contam com a presença do morfema *d-* somente na terceira pessoa.

[21] Quanto aos verbos dos exemplos (23), (24), (25) e (26), a formação de palavra desses verbos nos indica que, em kadiwéu, eles são verbos psicológicos. Observe, pela glosa dada nos exemplos, que o verbo *oletibige*, cuja tradução para o português equivale a 'procurar', significa, mais literalmente, 'ver muito a algo'; por sua vez, o verbo *eemitetibige*, cuja tradução para o português equivale a 'respeitar', significa, mais literalmente, 'sentir muito por alguém'.

quer indicar que a hierarquia é tema > experienciador a voz é inversa[22]. Isso é diferente do que ocorre em kadiwéu porque, nesse grupo de verbos em kadiwéu, não ocorre uma variação de voz direta/inversa possível. De qualquer modo, kadiwéu é semelhante ao navajo quanto ao fato de que se a hierarquia for tema > experienciador, a voz é inversa.

Embora haja vária línguas em que a obviação é motivada por critérios semânticos, a hieraquia de papéis temáticos realmente não é um critério semântico comum[23]. Camacho (2013) cita que há línguas em que os papéis temáticos podem ser relevantes para a obviação, mas não dá exemplos precisos de línguas em que isso ocorre. De qualquer modo, o fato de essa hierarquia tema > experieciador só se mostrar em contextos em que os argumentos são de terceira pessoa, nos leva a crer que ela é uma das facetas da obviação em kadiwéu.

3.2 – Obviação motivada por critério pragmático

Nesse subcapítulo, são estudados casos em que, comparando diferentes exemplos que contavam com o mesmo verbo e todos os argumentos eram de terceira pessoa, foi percebida a variação da presença do morfema *d-* no verbo. Nesses casos, percebemos que o morfema *d-* se faz presente quando, em comparação com o sujeito, o objeto da oração tem maior destaque em um dado contexto discursivo. Não parece que esses casos ocorrem com uma classe especial de verbos quanto a aspectos semânticos. O que há em comum entre todos esses verbos é que eles são transitivos.

A hipótese aqui defendida é de que esses casos nos mostram que a obviação em kadiwéu também pode ser condicionada à proeminência pragmática dos argumentos. Vale ressaltar que, quando se faz referência à pragmática, nessa dissertação, tem-se em mente a pragmática discursiva, como definido por Lambrecht (1994). Segundo o autor, é necessário diferenciar a pragmática discursiva (objeto de estudo da área de estrutura da informação) da pragmática num sentido geral, que é intimamente associada ao estudo do significado. A

---

[22] As autoras utilizam o seguinte exemplo, dentre outros, para apresentar o que ocorre em navajo:

(a) yinálzid
'He$_t$ fears him$_f$'
(b) binálzid
'He$_f$ fears him$_t$'
(JELLINEK & WILLIE, 1996. p.25)

Segundo as autoras, na construção direta com *yi-,* o argumento experienciador é tópico, na construção inversa com *bi-*, o argumento tema é tópico.

[23] Os tipos de critérios semânticos mais comuns em línguas que contam com obviação são discutidos no subcapítulo 4.3.

pragmática discursiva diz respeito a situações em que a interpretação pragmática desencadeada por meio de uma associação particular entre a forma da sentença e o contexto discursivo é determinada por regras ou princípios da gramática, tanto universais quanto específicos de uma dada língua. Levando isso em conta, termos como saliência pragmática, proeminência pragmática e proeminência discursiva são usados como sinôminos nessa dissertação. Foram encontrados exemplos que atestam essa hipótese com os seguintes verbos: *abale* 'perder', *ajigo* 'dar/entregar', *ajoin* 'aconselhar/avisar', *akape* 'ser contra', *aleke* 'açoitar', *alome* 'ler', *ame* 'maltratar', *apoace* 'furar', *axawa* 'ajudar', *awalace* 'repartir/separar', *bater* 'axaco', *eloadi* 'matar', *idele* 'lutar', *iigen* 'mandar', *ilege* 'batizar', *ototе* 'pregar', *otaga* 'dizer'.

Seguem, abaixo, dois desses exemplos. No exemplo (27), o argumento proeminente é o sujeito omitido, que são os 'índios da noite', personagens principais dessa história. O objeto da oração, 'aquelas pessoas', faz referência a outros povos com quem os 'índios da noite' tiveram breve contato. Esse objeto não se refere a um povo definido e é o argumento menos proeminente do discurso, nesse trecho. Como o argumento mais proeminente é o sujeito, a voz é direta e verbo concorda com o sujeito:

(27)	agoyema	**moyowogodi**	nigica	oko
	ag-o-y-ema	**me=o-y-owo-god**	nigica	oko
	NEG-3.PL-3.SUJ-querer	COMP=3.PL-3.SUJ-entender-VAL	CLFN	pessoas

... eles não queriam entender aquelas pessoas...
(Corpus Kadiwéu - História dos Índios da noite - trecho)

O exemplo (28) foi retirado de um trecho cujo tema central são as parábolas que Jesus usa ao falar com as pessoas. Nesse exemplo, embora "as parábolas" seja o objeto do verbo, esse é o argumento mais proeminente do discurso, de modo que a voz inversa é acionada e o verbo concorda com o objeto:

(28) **agetidowoogodi**
ag=eti-Ø-d-owoo-god
NEG=IMP-3.OBJ-INV-entender-VAL

(lit.) ... eles não entendem [as parábolas]
...nem compreendem.
(NTK - Mateus 13:13 - trecho)

Deve-se ter em mente que o kadiwéu é uma língua pro-drop que apresenta tanto sujeitos quanto objetos nulos de modo pervasivo. A maior parte dos dados a que tivemos

acesso apresentam tanto sujeitos quanto objetos nulos, como no exemplo (28). Esse fato dificulta a confirmação de se estamos tratando com verbos transitivos ou não, questão central para a defesa de que a presença do morfema *d-,* nesses casos, sinaliza obviação motivada por questões pragmáticas.

Como apresentado no subcapítulo 2.2.1, Sandalo (1996) analisa a presença do morfema *d-*, em certos casos, como indicativo de voz passiva. A análise dada por Sandalo (1996) ao morfema *d-* é interessante. Em várias línguas, como em português, inglês, espanhol, a voz passiva é uma forma de dar destaque ao argumento interno. Com a obviação, o acionamento da voz inversa para marcar sujeito 3OBV faz exatamente isso de destacar o argumento interno. A diferença central está na transitividade: a voz passiva é um fenômeno redutor de valência, no qual o agente ou é suprimido ou passa a ser indicado por um adjunto; já na obviação, não há redução de valência.

O que nos faz ser contra a hipótese de que o morfema *d-* indique voz passiva nos casos em questão é o fato de que há exemplos que mostram claramente que os verbos em questão são transitivos. Segue abaixo dois exemplos com o mesmo verbo *iige* 'mandar'. Observe que tanto no exemplo (29) como no exemplo (30) não parece haver mudança na transitividade do verbo. O exemplo (29) foi retirado do mito da Criação do povo Kadiwéu. Neste trecho, quando Deus e seus cachorros estão procurando a neta de Deus, que foi roubada por ladrões, os cachorros de Deus[24] latem por ordem deste. Nesse exemplo, Deus, que é o argumento 3PROX, é representado pelo pronome *nigidagida*. Segundo Griffhts (2002), esse é um pronome pessoal enfático que significa algo como 'ele mesmo' ou 'ele, o próprio':

(29)

naga	igo		oda	nigidagida	**iige**
naga	y-go		oda	nigidagida	**y-iigen**
CT	3.SUJ-ir		CONJ	PRO.ENF	**3.SUJ-mandar**
liwikatedi	oda	oyomoketinece			
l-iwikatedi	oda	o-y-omoke-t=n=ce			
3.POSS-PRO.	CONJ	3.PL-3.SUJ-latir-EP=MOV=DIR			

Quando foram, mandou que seus animais latissem
(Corpus Kadiwéu - História da Criação - trecho)

Já no exemplo (30), a oração subordinada objetiva direta *monalaketedibige Jesus* é o argumento 3PROX, ou seja, a ordem dada por Pilatos tem relevância discursiva maior do que Pilatos em si:

[24] Nesse exemplo, os cachorros de Deus são representados pelo pronome possessivo *liwikatedi*, que, segundo Griffhts (2002), significa "os dele".

(30) Odaa Pilatos ja ikatice Barrabás.
Odaa Pilatos ja y-ikatice Barrabás.
CONJ Pilatos já 3.SUJ-soltar Barrabás

Odaa ja **diigenatakatalo**
Odaa ja **∅-d-iigen-t-ak-t=e-wa-lo**
CONJ já **3.OBJ-INV-mandar-EP-REP-EP=3-DAT-HON**

monalaketedibige Jesus
me-o-∅-n-alake-t=e-t=bige Jesus
COMP-3.PL-3.SUJ-ANT-açoitar-EP=3-EP-INTS Jesus

(lit) Então, Pilatos logo soltou Barrabás.Em seguida, ele mandou repetidamente que açoitassem muito a Jesus.
Então soltou-lhes Barrabás, e, tendo mandado açoitar a Jesus, (...)
(NTK - Mateus 27:26 - trecho)

Como dito anteriormente a questão da transitividade é central, pois ajuda a diferenciar a voz passiva da voz inversa. Nesse sentido, o exemplo (30) é muito importante pois há a presença do morfema *d-* e a transitividade do verbo é evidenciada. Sabemos que a oração *monalaketedibige Jesus* é subordinada objetiva direta do verbo *iige* 'mandar' porque, segundo Sandalo (1996, p.71), orações com função de objeto direto são sempre introduzidas pelo complemetizador *me*. O fato de haver um perceptível destaque do argumento interno quando há a presença do morfema *d-,* em orações somente com argumentos de terceira pessoa, ao mesmo tempo em que a transitividade do verbo dessas orações é mantida, fato que exemplos como o (30) deixa claro, fortalece a hipótese de que o sistema de voz inversa da língua também atue em situações nas quais todos os argumentos são de terceira pessoa. A voz inversa, nessa situação, é desencadeada pela obviação motivada por critérios pragmáticos.

A relevância da proeminência pragmática na decisão de qual argumento de um verbo transitivo será o 3PROX é algo comum nas línguas que contam com obviação. Para explicar o papel da proeminência discursiva, Wolvengrey (2011) destaca que muitas tentativas vem sendo feitas por linguistas para caracterizar a atribuição de 3PROX ou 3OBV a um dado argumento. Para tanto, muitos pesquisadores recorrem às noções de TÓPICO e FOCO. Nesse sentido, vale citar uma metodologia desenvolvida por Givón (1994), com base na metodologia apresentada por Givón (1983), para medir topicalidade dos referentes. Vale notar que a metodologia criada por Givón (1994) foi usada por Gildea (1994) e Thompson (1994) para a medição da topicalidade dos argumentos como um sinal para casos em que se suspeita que seja voz inversa desencadeada por questões discursivas, dado que, para esses autores topicalidade e voz inversa estão relacionadas.

Essa metodologia consiste em medir a distância referencial (DR) e a persistência do tópico (PT). A DR é medida contando quantas orações há entre a oração em que se quer medir a topicalidade de um dado argumento e a última vez em que o referente foi mencionado, não importando a função sintática atribuída ao referente nessa última menção. Se o referente foi mencionado na oração anterior, o valor da DR é 1; se o referente foi mencionado na segunda ou terceira oração antes da oração em questão, o valor da DR é 2; se o referente foi mencionado quatro ou mais orações atrás, a DR é 3. A DR de valor 1 ou 2 indica alta topicalidade do referente, a DR de valor 3 indica baixa topicalidade.

A PT é medida contando o número de vezes que um referente aparece nas próximas dez orações após a oração em que se quer medir a topicalidade do referente, então a PT varia de 0 a mais de 10. Segundo Givón (1994), referentes de baixa topicalidade tendem a uma PT entre 0 e 2; referentes de alta topicalidade tendem a ter uma PT maior de 2. Para Thompson (1994), embora as duas medidas sejam relevantes, a DR não se correlaciona altamente com a alternância entre voz direta/inversa por questões discursivas, sendo a PT uma medida medida mais confiável para essa questão.

Aplicando essa metodologia aos casos em que acreditamos tratar de obviação motivada por questões pragmáticas, também observamos que os argumentos 3PROX tendem a ser o argumento de maior topicalidade. Por exemplo, o trecho abaixo, corresponde ao intervalo da história necessário para medir qual é o argumento de maior topicalidade da oração *Odaa ni-gijo niwaalepodi jo-godajoina-gatalo Jesus,* 'Então essas irmãs já avisaram a Jesus*'*. Como ficaria muito longo dar a glosa completa desse exemplo, damos para esse caso, o trecho equivalente na bíblia em português, a tradução mais literal possível e destacamos os verbos em negrito:

(31) Maria jaganiaagani nagajo ane **yatitalo** logonaka Goniotagodi ladokojegi, odaa nigidiaagidi, ja **yati** lamodi me **yadilonatidi**.

(lit) Maria, aquela que usou o perfume na perna do nosso Senhor, então quando naquele momento, já usou o seu cabelo para secá-lo.

... Maria era aquela que tinha ungido o Senhor com ungüento, e lhe tinha enxugado os pés com os seus cabelos...

Odaa ica noko Lázaro ja **deelotika**. Odaa nigijo niwaalepodi **jogodajoinagatalo** Jesus, **modi**, "Iniotagodi, nigijo gademaanigi etidi eliodi me **deelotika**".

(lit) Então, neste dia Lázaro já adoeceu. Então essas irmãs já avisaram a Jesus dizendo "meu Senhor, este que [tem] o teu amor adoeceu muito"

Mandaram-lhe, pois, suas irmãs dizer: Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas.

Jesus eliodi me **yemaa** Marta, ajo nioxoa, ijaa Lázaro. Nigijo naga
dibodicetedigi Lázaro me **deelotika**, odaa jegee:

(lit)Jesus ama muito Marta, a irmã, o Lázaro. Quando este teve notícias de que Lázaro adoeceu. então já disse:

Ora, Jesus amava a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro. E Jesus, ouvindo isto, disse:

"Nigida neelotagi **ageo** Lázaro digidioka limedi me **yeleo**. Pida nigida anee Lázaro onidaagida **meo** nigina oko **modogetetibigimece** Aneotedogoji".

(lit)"Essa doença não faz Lázaro morrer para sempre. Mas isso que Lázaro desse modo faz o povo louvar muito a Deus."

"Esta enfermidade não é para morte, mas para glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela."

(NTK - João 11:01 a João 11:05 - trecho)

Na oração *Odaa nigijo niwaalepodi jogodajoinagatalo Jesus,* sublinhada no exemplo acima, temos dois referentes: Jesus e *nigijo niwaalepodi* 'essas irmãs'. Aplicando a metodologia de Givón (1994) temos que Jesus apresenta uma DR de valor 2 e uma PT de valor 4 (ou 5, se consideramos o vocativo *Iniotagodi* 'meu Senhor'). Por sua vez, o referente *nigijo niwaalepodi* 'essas irmãs' apresentam também uma DR de valor 2, mas uma PT de valor 2, sendo, então, menos topicalizado do que o referente Jesus[25].

[25] Observe que a única oração dentro desse exemplo em que afirmamos que a presença do morfema *d-* se deve ao fato de o objeto ser o argumento 3PROX é a oração *Odaa nigijo niwaalepodi jogodajoinagatalo Jesus,* embora dentro do exemplo como um todo haja mais 3 verbos que apresentam o morfema *d-: deelotika, dibodicetedigi* e *modogetetibigimece.* O verbo *deelotika* leva o morfema *d-* porque é inacusativo. A presença desse morfema em verbos inacusativos é discutida nos subcapítulos 2.2.3 e 2.3. Já os verbos *dibodicetedigi* e *modogetetibigimece* sempre levam *d-* na terceira pessoa. Esses casos foram discutidos no subcapítulo 3.1.2. O único verbo em que há uma variação da presença do morfema *d-* devido a qual argumento é considerado 3PROX, é o verbo *ajoi,* presente na oração *Odaa nigijo niwaalepodi jogod**ajoi**nagatalo.* Para mostrar o contraste, observe abaixo outro exemplo com esse mesmo verbo, mas em que o morfema *d-* não se faz presente pois o sujeito é o argumento 3PROX:

Nigijo	eliododipi	eliodi	moyopo.
Nigijo	eliododipi	eliodi	me=o-y-opo.
CLFN	pais	pai	COMP=3.PL-3.SUJ-ficar admirado.

Embora a metodologia usada tenha obtido resultado positivo em geral, mostrando uma relação entre tópico e argumento 3PROX, esse resultado não se deu em todos os casos como exemplificado por (32). Nesse exemplo, o sujeito dos verbos *owedite* 'proteger' e *otete* 'guardar' é o mesmo, 'o homem valente':

(32) Nigina goneleegiwa loniciwegenigi anele manigoe,
Nigina goneleegiwa l-oniciwegenigi ane-ele ?,
CFLN homem 3.POSS-força RLTV-bom ?

dowediteloco[26] epaa ligeladi,
Ø-d-owedi-t-e-locom epaa l-igeladi,
3.OBJ-INV-proteger-EP-3-ADESS próprio 3.POSS-vila

codaa icoatawece nigicoa ane nepilidi **dotete**.
codaa icoatawece nigicoa ane n-epili-adi **Ø-d-otete**.
CONJ tudo CFLN RLTV ALNV-coisa-PL **3.OBJ-INV-guardar**

(lit.) O homem forte e bom (...?...), ele protege a sua vila e, todas as coisas, ele guarda.

Quando o valente guarda, armado, a sua casa, em segurança está tudo quanto tem.
(NTK - Lucas 11:21)

Na oração com o verbo *otete* 'guardar', no exemplo (32), todos os argumentos são de terceira pessoa. Nessa oração, o argumento interno tem maior saliência discursiva e é o

---

Odaa Jesus ja **yajoi** me
Odaa Jesus ja **y-ajoin** me
CONJ Jesus ADV **3.SUJ-aconselhar** COMP

dogoyatematitibece nigida niciagi.
daga=o-y-atemati-t=b=ce nigida n-iciagi
NEG=3.PL-3.SUJ-contar-EP=INTS=DIR CLFN ALNV-acontecimento
E seus pais ficaram maravilhados; e ele lhes mandou que a ninguém dissessem o que havia sucedido.
(NTK- Lucas 8:56)

O exemplo acima foi retirado de um trecho logo após Jesus intervir e trazer uma menina da morte. Nesse trecho, o fato de que foi Jesus quem deu o conselho é mais destacado que o conselho em si. Ou seja, o sujeito de *ajoin* 'aconselhar/avisar' é o argumento 3PROX, consequentemente a voz é direta.

[26] O morfema *d-* sempre está presente no verbo *owedi* 'proteger' quando ambos os argumentos são de terceira pessoa. Ele faz parte do grupo de verbos estudados no subcapítulo 3.1.2. Por sua vez, a presença do morfema *d-* no verbo *otete* 'guardar' varia a depender de qual dos argumentos será considerado 3PROX de acordo com a saliência discursiva dos mesmos. Diferentemente do que ocorre no exemplo (32), no exemplo abaixo o morfema *d-* não aparece, pois o sujeito é o argumento 3PROX:

nigina oko anowajipatalo lotaga Aneotedogoji,
nigina oko ane-o-w-ajipa-t-e-wa-lo l-otaga Aneotedogoji
CFLN pessoas RLTV-3.PL-3.SUJ-escutar-EP-3-DAT-HON 3.POSS-palavra Deus

odaa **oyotete** catiwedi laalegena.
odaa **o-y-otete** catiwedi l-aalegena.
CONJ **3.PL-3.SUJ-guardar** dentro 3.POSS-coração
...esses são os que, ouvindo a palavra, a conservam num coração honesto e bom.
(NTK - Lucas 8:15 – trecho)

argumento 3PROX, o que justifica a presença do morfema *d-*. Contudo, esse argumento interno é uma informação nova, aparentemente FOCO. Aplicando a metodologia de Givón (1994), não é possível atribuir uma DR ao referente em questão, pois ele não foi citado anteriormente, e ele tem uma PT de valor 1, ou seja, uma topicalidade muito baixa.

Para Dahlstrom (2014), em uma tentativa de definir melhor o estatus proximativo, muitos pesquisadores propõem uma equivalência entre TÓPICO e 3PROX. Em um estudo com base em dados do Mesawaki, língua algonquiana que tem obviação, o autor mostra que, embora o argumento proximativo seja frequentemente topicalizado, não é possível equiparar um ao outro completamente. Ele mostra que há exemplos em que o argumento é TÓPICO mas não é 3PROX e exemplos em que o argumento é 3PROX mas é FOCO. Para Dahlstrom (2014), devemos reconhecer que a oposição 3OBV X 3PROX definida por critério pragmático pode ser sensível a uma variedade de outros fatores além de topicalidade, tais como empatia, agentividade e ponto de vista. O caso da obviação motivada por critério pragmático em kadiwéu nos faz concordar com Dahlstrom (2014). Quanto ao kadiwéu, seria interessante, em estudos futuros, pesquisar quais outros fatores, além de topicalidade, influenciam a decisão de qual argumento é considerado de maior saliência discursiva pelo falante da língua.

3.3 – O sistema inverso em kadiwéu: estudos futuros

De acordo com Fadden (2000), as construções inversas de diferentes línguas do mundo podem ser dispostas em um continuum. A autora sintetiza essa distribuição com o gráfico explicativo transcrito abaixo:

(33)

Total Inverse	Obviation Inverse	Weak Inverse	Non-Inverse
←			→
Cree	Kutenai	Carib	Korean
Mapudungun	Tzotzil	Chukchee	Picurís
Sahaptin		Chepang	Lummi
Navajo			

(FADDEN, 2000, p.71)

O estudo comparativo de diversas línguas que contam com sistema inverso permitiu a autora diferenciar essas línguas em três tipos:

a- as que contam com sistema inverso total, caracterizadas por terem tanto a voz passiva quanto a voz inversa e apresentarem uma voz inversa desencadeada tanto por hierarquia de pessoa quanto por obviação;

b- as que contam com um sistema inverso obviativo, caracterizadas por terem tanto a voz passiva quanto a voz inversa, contudo, não apresentarem uma voz inversa desencadeada por hierarquia de pessoa, mas somente por obviação;

c- as que contam com um sistema inverso fraco, que podem apresentar uma voz inversa desencadeada tanto por hierarquia de pessoa quanto por obviação, contudo não possuem voz passiva.

Ainda há dúvidas se kadiwéu apresenta um sistema inverso total ou fraco, de acordo com a caracterização de Fadden (2000). Veja que, de acordo com a diferenciação de tipos de sistema inverso feitos pela autora, saber da presença ou não da voz passiva na língua é essencial. Vale notar que, em todos os exemplos de línguas de sistema inverso forte dados por Fadden (2000), a língua apresentava uma voz passiva canônica, ou seja, permitia a introdução do agente como adjunto.

Para sabermos ao certo qual tipo de sistema inverso kadiwéu apresenta é necessário mais estudos sobre casos em que os morfemas *d-* e *n-* aparecem juntos. Como vimos no subcapítulo 2.2.1, Sandalo (1996) nos mostra que essa combinação de morfemas ocorre em construções reflexivas em kadiwéu. Contudo, essa não é a única situação em que essa combinação. Observe os exemplos abaixo:

(34) a. dinotete katinedi etakani
d-i-n-otete katinedi etakani
INV-EP-ANT-guardar dentro cesto
Está guardado em um cesto

b. lamogo dinaxakogata napalite
l-amogo d-i-n-axako-gad-t=e-wa n-apalite
3.POSS-farinha INV-EP-ANT-socar-VAL-EP=3-DAT INAL-machado
A farinha foi socada por um machado

c. d-i-n-oxoko epwagi
INV-EP-ANT-fechar porta
A porta foi fechada
(Corpus Kadiwéu - Frases avulsas)

De acordo com a tradução dada pelo falante nativo, os exemplos acima aparentam ser de orações na passiva. Contudo, nessa construção não é possível indicar o agente por um

adjunto, o que levanta suspeitas de que seja uma anticausativa[27]. Além disso, Sandalo (2015) analisa tais casos como voz média.

Em seu estudo sobre sincretismo passivo-reflexivo, Lazzarini-Cyrino (2015) mostra que a existência do agente delimita a distinção entre voz passiva e anticausativa. Em construções passivas é possível suprimir sintaticamente o argumento externo, mas semanticamente, esses argumentos são interpretados, como no exemplo do turco dado pelo autor:

(35) Somali mandecilere ilk odemeler yap-il-di
Soma de mineiros primeiro pagamento fazer-SE-PRET
Os primeiros pagamentos aos mineiros de Soma foram feitos.
(LAZZARINI-CYRINO, 2015, p.186)

O exemplo acima trata de uma construção passiva deagentiva. Nesse tipo de construção da voz passiva, o agente não pode ser expresso na oração mas é interpretado como uma entidade vaga. A nosso ver, os exemplos em (34) podem ser casos de passivas deagentivas em kadiwéu. Contudo, não há dados suficientes para afirmarmos com segurança que é isso que ocorre nos exemplos em (34).

Diferentemente da voz passiva, os verbos anticausativos suprimem o argumento externo sintaticamente e semanticamente, como no exemplo do dinamarquês a seguir:

(36) Dor-en abner sig
Porta-DEF abre SE
"A porta (se) abre"
*"A porta é aberta/Abre-se a porta"
(LAZZARINI-CYRINO, 2015, p 216)

Lazzarini-Cyrino (2015) mostra e analisa o fato de diversas línguas compartilharem da mesma forma em construções reflexivas, anticausativas e passivas e médias. Pode ser que isso ocorra também em kadiwéu, mas, novamente, não temos dados suficientes para identificar com segurança quantos e quais fenômenos são representados morfologicamente pela combinação dos morfemas verbais *d-* e *n-*. Nesse sentido, estudos futuros sobre a combinação

[27] A voz anticausativa é um fenômeno redutor de valência noqual o verbo mostra um evento que afeta o sujeito da oração. Diferentemente da voz passiva, o agente é semanticamente suprimido. Segue abaixo um exemplo do português em que, na oração (a), temos uma construção causativa e, no exemplo (b), temos uma construção anticausativa:

(a) A chuva molhou a roupa.
(b) A roupa molhou-se
(VASCONCELOS, 2013. p.24)

dos morfemas verbais *d-* e *n-* em kadiwéu seriam muito interessantes. Dentre outras coisas, se conseguirmos entender melhor o que ocorre quando esses dois morfemas supracitados estão juntos, será possível caracterizar melhor o sistema inverso em kadiwéu, de acordo com a proposta de categorização de Fadden (2000).

4 – Obviação: breve estudo comparativo

Neste capítulo, serão apresentadas comparações entre o kadiwéu e outras línguas que possuem obviação. Os pontos observados dizem respeito à relação entre obviação e voz, ao modo como as línguas que têm obviação marcam isso morfologicamente e a quais fatores desencadeiam a obviação.

4.1 – Marcação morfológica

Levando em conta a morfologia, temos dois grupos de línguas que possuem algum sistema proximativo-obviativo: línguas em que há marcação morfológica no sintagma nominal que diferencie os argumentos proximativo e obviativo(s) de uma oração e línguas em que não há marcação nos sintagmas nominais.

A título de exemplo, dentre as línguas que contam com marcação morfológica para distinguir proximativo e obviativo, temos: o navajo, língua apache (WILLIE, 1991;AISSEN 2000); o kutenai, língua isolada da Columbia Britânica (DRYER, 1992); línguas algonquianas, como o ojibwa (RHODES, 1990), o plains cree (AISSEN, 1997; WOLVENGREY, 2011), o nishnaabemwin (PIRIYAWIBOON, 2007) e o blackfoot (BLISS, 2005).

As primeiras descrições da obviação foram sobre esse fenômeno em línguas algonquianas (PIRIYAWIBOON, 2007). Nessas línguas, sintagmas nominais obviativos, se explícitos na oração, recebem marcação morfológica, como vemos abaixo no exemplo em nishnaabemwin:

(37) John gii-jiim-aa-n Manii-an
John past-kiss.AN-dir-obv Mary-obv
'John kissed Mary' (PIRIYAWIBOON, 2007, p.2)

Também nas línguas algonquianas, caso o sujeito de uma oração seja obviativo, o sistema de voz inversa é acionado e o verbo recebe algum afixo que indica que há voz inversa. Nessas línguas, diferentemente da maior parte das línguas que contam com sistema de voz inversa, tanto a hierarquia de pessoa (pessoa local > 3) quanto a obviação (proximativo > obviativo) são relevantes para se determinar a voz direta ou inversa (AISSEN, 1997. p.706-708). Observe os exemplos em plains cree abaixo:

(38) a. ni-wapam-a-nan
1-see-direct-1PL
'we (excl.) see him'

b. ni-wapam-iko-nan
1-see-inverse-1PL
'he see us (excl.)'

c. wapam-e-w
see-direct-3
'he (prox) see him (obv)'

d. wapaw-ekw-w
see-inverse-3
'he (obv) see him (prox)'
(AISSEN, 1997. p.708)

Veja que o exemplo (38-a) apresenta a voz direta, dado que o argumento em posição de sujeito é, de acordo com a hierarquia de pessoa dessa língua, superior ao argumento em posição de objeto. Já no exemplo (38-b)**,** o argumento hierarquicamente superior está na posição de objeto, logo a voz inversa é desencadeada. Nos exemplos (38-c) e (38-d) só há argumentos de terceira pessoa, então é a obviação que está por trás do desencadeamento ou não da voz inversa. No exemplo (38-c)**,** o sujeito é o argumento proximativo, então a oração está na voz direta. Já no exemplo (38-d), o sujeito é o argumento obviativo e esse fato também desencadeia a voz inversa.

Em kadiwéu, tal qual nas línguas algonquianas, tanto a hierarquia de pessoa (1.pl.OBJ > 2 > 1 > 3) quanto a obviação (3PROX > 3OBV) desencadeiam a voz inversa:

(39) (ee) j-emaa (nagada)
(I) 1AG-love (her)
''I love her' (NEVINS & SANDALO, 2010. p.6)

(40) (nagada) (ee) **i-d-emaa**
(She) (I) **1OBJ-INV-love**
''She loves me''(NEVINS & SANDALO, 2010. p.6)

(41) yokoletediogi ica l-ewoGa
y-okole-t-e-t-wgi ica l-ewoGa
3.SUJ-jogar-EP-3-EP-DIR CFLN 3.POSS-mata
(lit) [Deus] jogou este [graveto] na sua mata
E jogou este na mata
(Corpus Kadiwéu – História da Criação)

(42) Ica ~~g~~oneleegiwa liico **dakapetege** Jesus
Ica ~~g~~oneleegiwa liico **∅-d-akape-t=e-gi** Jesus
CFLN homem rico **3.OBJ-INV-ser contra-EP=3-ALVO** Jesus
(lit) O homem rico é contra Jesus
(NTK – título; p.118)

No entanto, diferentemente do que ocorre nas línguas algonquianas, não há, em kadiwéu, marcação morfológica no sintagma nominal que auxilie na distinção entre obviativo e proximativo. Observe que, no exemplo (43), abaixo, o substantivo *lodawa* (esposa dele) é sujeito proximativo[28]. Em (44), esse mesmo substantivo é objeto obviativo e, em (45), é sujeito obviativo. Independentemente de ser sujeito ou objeto, obviativo ou proximativo, a morfologia do sintagma nominal não foi alterada. Por fim, é importante também notar que somente no exemplo (45), em que o sujeito é obviativo, a voz inversa é desencadeada:

(43) Pida na~~g~~awa **l-odawa** me elodi
CONJ CFLN **3.POSS-esposa** COMP correr

aone~~gg~~ewote l-ibodigi
a-one-a~~g~~-ewo-t-e l-ibodigi
?-EV-NEG-fazer-EP-3 3.POSS-aviso
Mas a sua esposa tinha fugido sem avisá-lo (Corpus – Exabigo versão 1)

(44) oda one jona l-owo~~g~~o
CONJ dizem já 3POSS-pensamento

me y-elowadi aniwa **l-odawa**
COMP 3SUJ-matar CFLN **3.POSS-esposa**
Então o pensamento do marido era matar a esposa (Corpus- Mulher onça)

(45) odaa na~~g~~ajo **lodawa** ja dajoina~~g~~ata,
odaa na~~g~~ajo **l-odawa** ja ∅-d-ajoin-~~g~~ad-t=e-wa,
CONJ CFLN **3.POSS-esposa** já 3.OBJ-INV-aconselhar-VAL-EP=3-DAT

meeta: (...)
y-mee-t=e-wa
3.SUJ-dizer-EP=3-DAT
(lit) Então sua esposa já o aconselhou, ela disse a ele: (...)
(...) sua mulher mandou-lhe dizer (...)
(NTK- Mateus 27:19 - trecho)

A título de exemplo, dentre outras línguas em que, tal qual em kadiwéu, há obviação, mas não há morfologia no sintagma nominal que indique isso, temos: o chamorro, língua

[28] Quando o verbo é intransitivo, o argumento de terceira pessoa é sempre 3PROX.

austronésia (AISSEN, 1997); o mapudungu, língua isolada do Chile (ZÚÑIGA, 2006); línguas mixeanas como o oluteco (ZAVALA, 2004), e tlahuitoltepec (DIAZ, 2014). Segue abaixo um exemplo do mapudungu. Tal qual em kadiwéu, em mapudungu, segundo Zúñiga (2006), só há sinal morfológico da obviação no verbo nos casos em que o sujeito é obviativo:

(46) Chi weche wentru **feypi-fi** tañi kutran wenüy:
'ART young man **say-3O** 3POSS ill friend:...'
The young man said to his sick friend:...
(ZÚÑIGA, 2006. p.213)

Ainda sobre línguas em que não há marcação morfológica no sintagma nominal que indique se há ou não obviação, vale citar uma discussão, na literatura, sobre se há ou não obviação em tupinambá. De acordo com Rodrigues (1990), a escolha entre os prefixos verbais marcadores de terceira pessoa em tubinambá, *ya-* e *o-*, depende da relevância dada ao sujeito da oração: caso o sujeito seja o argumento em foco, o verbo recebe o prefixo *o-*; caso o sujeito não seja o argumento em foco, o verbo recebe o prefixo *ya-*:

(47) a. Pedro móya o-Ø-yuká
Pedro cobra 3-rel-matar
'Pedro matou a cobra'

b. Pedro Moyá ya-Ø-yuká
Pedro cobra 3-rel-mata
'Pedro matou a cobra'
(RODRIGUES, 1990. p.397)

Rodrigues (1990) também mostra exemplos em que o prefixo *ya-* reflete um sujeito impessoal:

(48) ya-Ø-yuká
3-rel-kill
'Alguém mata' (RODRIGUES, 1990. p.400)

Contudo, vale destacar uma recente re-análise do dados do tupinambá de Rodrigues(1990) feita por Vieira (2014). A partir dos dados acima, Vieira sugere que o uso do prefixo *o-* de 3ª pessoa, em tubinambá, reflete a forma direta e é usado quando o sujeito é proximativo e o objeto é obviativo. Já a forma *ya-* reflete a forma inversa e é usado quando o sujeito é obviativo e o objeto é proximativo (VIEIRA, 2014, p.679-680). O exemplo (48) é

um indicador de que a re-análise de Vieira seja adequada. Se o sujeito é impessoal, é esperado que o prefixo que indica obviativo, no caso *ya-,* seja o prefixo que aparecerá no verbo.

De modo semelhante ao tupinambá, em uma oração contendo somente argumentos de terceira pessoa em kadiwéu, se o sujeito é impessoal, a obviação entra em cena e a voz inversa é desencadeada:

(49) (...) metideloadi
(...) me-eti-Ø-d-eload
(...) COMP-IMP-3.OBJ-INV-matar
(lit) ... eles o matarão.
(...) condená-lo-ão à morte.
(NTK- Mateus 20:18- trecho)

No trecho acima, vemos que, sempre em que há a presença do prefixo indicador de sujeito impessoal[29] *eti-*, a voz inversa é desencadeada. Não encontramos nenhum exemplo de verbo transitivo em que o *eti-* apareça e a voz inversa não seja desencadeada. Uma justificativa provável para esse fato é que isso se dê porque se espera que um sujeito impessoal não seja o argumento mais proeminente de uma oração. Logo, esse sujeito será obviativo e a voz inversa será acionada.

Em línguas como o kadiwéu, em que não há morfologia no sintagma nominal para marcar obviação e é comum haver omissão dos sintagmas nominais que representam os argumentos interno e externo, é mais difícil perceber que o fenômeno da obviação está acontecendo. Para percebê-lo por meio de pesquisa em corpus, é necessário analisar os trechos de estórias para perceber quais são os limites de um intervalo de obviação[30]. O termo 'intervalo de obviação' foi sugerido por Aissen (1997, 2001) para se referir a um intervalo que contém um único argumento proximativo e um ou mais argumentos obviativos. O intervalo de obviação pode variar de uma oração a um trecho da história. Abaixo, reproduzimos o trecho de uma tradução apresentada por Aissen de um narrativa fox, língua

[29] Trata-se de um prefixo opcional (SANDALO, 1997. p.51). Além disso, esse prefixo não é indicativo de concordância. Em orações em que o sujeito é impessoal e o objeto é de primeira ou de segunda pessoa, é o objeto que concordará com o verbo. Nessa situação, se o *eti-* fosse marcador de concordância, esperaríamos que ele não aparecesse, dado que, em Kadiwéu, o verbo só concorda com o argumento mais alto na hierarquia de pessoa dessa língua. Contudo, o que de fato ocorre é que os dois prefixos podem aparecer juntos:

etiGadadegi
eti-Gad-adegi
IMP-2.OBJ-bring
'Some people/someone brought you' (SANDALO, 1997. p.51)

[30] Tradução dada ao termo *obviation span* (AISSEN 1997, 2001).

algonquiana, que exemplifica o que seria um intervalo de obviação. A autora identifica os termos proximativos com (P) e os termos obviativos com (O). Na parte do trecho apresentada em (50), abaixo, há três referentes de terceira pessoa: Black Rainbow (um herói Fox), um veado e um grupo inimigo de Sioux. Nessa parte, que corresponde a um intervalo de obviação, Black Rainbow é o argumento proximativo:

(50) 5.1. And then another time Black Rainbow (P) went hunting and killed a deer (O).
5.2 As he (P) was butchering it (O), some Sioux (O) rushed out at him (P), a lot of them (O).
5.3 And (P) being surrounded, hhe (P) began to fight.
5.4 And pretty soon, they say, they (O) kept away from him (P)
5.5 but he (P) killed a lot of them (O) ...
...
5.14 Black Rainbow (P) called for someone who spoke Sioux (O)
(AISSEN, 2001. p.4)

A autora prossegue o exemplo mostrando que, no parágrafo seguinte (que inicia na linha 5.15), um Sioux é introduzido como proximativo. Essa fato inicia um novo intervalo de obviação. Visto que cada intervalo de obviação só pode conter um referente proximativo, como dito acima, o referente Black Raibow passa a ser considerado obviativo:

(51) 5.15 And then, it is said, the Sioux (P) began to give his report
5.16 of what had been done to them (P) by that (O) Black Rainbow...
(AISSEN, 2001. p.4)

Embora a obviação seja um fenômeno que diz respeito aos elementos internos a uma oração, é necessário saber delimitar o intervalo de obviação, pois, como visto no exemplo acima, um dado elemento de uma narrativa pode, em um intervalo de obviação, ser obviativo e, em outro intervalo, proximativo.

4.2 – Obviação e voz

Como dito anteriormente, a obviação é frequentemente assinalada por meio de uma interação complexa entre dois paradigmas: o paradigma da obviação e o paradigma do sistema de marcação de voz (CAMACHO, 2013). Na maior parte das línguas estudadas que têm obviação, esse fenômeno tem uma relação forte com a voz inversa. Contudo, há casos de línguas que têm obviação, mas não têm voz inversa. Nessas línguas, percebe-se uma interação

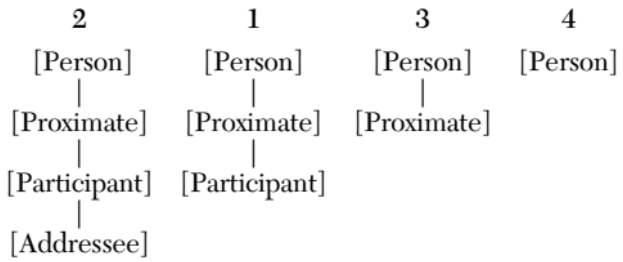
entre a obviação e a voz passiva (AISSEN, 1997). Tais fatos devem ser vistos como indícios de que a obviação não é um fenômeno puramente morfológico, mas sim morfosintático.

Em kadiwéu, há uma interação entre obviação e voz inversa, dado que, em um contexto somente com argumentos de terceira pessoa, se o sujeito de uma oração transitiva for 3OBV a voz inversa é obrigatoriamente desencadeada e o verbo concorda com o objeto 3PROX. Como pode ser visto, em kadiwéu, a obviação também afeta a concordância, tal qual ocorre nas línguas algonquianas. Nesse sentido, vale destacar a proposta de Oxford (2014) para línguas algonquianas.

Oxford (2014) apresenta uma proposta interessante de como explicar a concordância em línguas algonquianas por meio de uma abordagem minimalista. Para explicar concordância, ele assume o modelo proposto por Béjar e Rezac (2009), com algumas alterações. Para Béjar e Rezac (2009), traços de pessoa não podem ser entendidos como unidades atômicas. Eles defendem a ideia de que um feixe de traços-phi é organizado em subconjuntos e cada subconjunto representa uma pessoa. Eles implementam essas especificações de traços em um modelo de concordância que obedece à relação entre sonda e alvo, como no modelo proposto por Chomsky (2000), no qual sonda (elemento com traços-phi não interpretáveis) e alvo (elemento com traços-phi interpretáveis) combinam.

Oxford (2014) apresenta um feixe de traços diferentes do proposto por Béjar e Rezac (2009) na composição das pessoas, de modo a captar essa hierarquia entre argumentos de terceira pessoa que ocorre nas línguas em que há obviação e o fato de que, nas línguas algonquianas, a segunda pessoa é hierarquicamente superior à primeira:

(52)



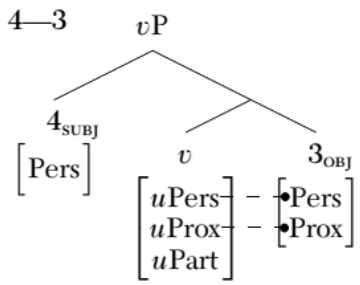
(OXFORD, 2014. p.89)

Levando esses traços em consideração, ele propõe que, quando há sujeito 3PROX e objeto 3OBV[31], a sonda em InfP tem mais traços compatíveis com o sujeito. Quando isso ocorre, a voz é direta e a concordância se dá com o sujeito. Por sua vez, quando há sujeito

[31] Observe que, na proposta de Oxford (2014), o argumento 3OBV é representado por 4 e o argumnto 3PROX é representado por 3.

3OBV e objeto 3PROX, a sonda em InfP tem mais traços compatíveis com objeto. Quando isso ocorre, a voz é inversa e a concordância se dá com o objeto:

(53)



(OXFORD, 2014. p.92)

No entanto, como dito antes, não se deve pensar que a obviação ocorre somente em línguas que apresentam voz inversa. Por exemplo, Aissen (1997) analisa duas línguas que, segundo a autora, têm obviação, mas não têm voz inversa: tzotzil, língua maia, e chamorro, língua austronésia. A pesquisadora vale-se do caso dessas duas línguas para mostrar que a obviação tem um papel significante na sintaxe das línguas, portanto, ela defende que a obviação não deve ser vista como um fenômeno puramente morfológico.

Aissen (1997) afirma que, nessas línguas, há casos de voz passiva desencadeados por obviação. Veja exemplos do tzotzil:

(54) *Ta s-sa' *pro*$_i$.y-ajnil li Manvel-e$_i$
ICP A3[32]-seek A3-wife the Manuel-ENC
'Manuel's wife is looking for him' (AISSEN, 1997. p. 720)

(55) Ta sa'-at yu'um y-ajnil li Manvel-e.
ICP seek-PSV by A3-wife the Manvel-ENC
'Manuel$_i$ was sought by his$_i$ wife' (AISSEN, 1997. p.722)

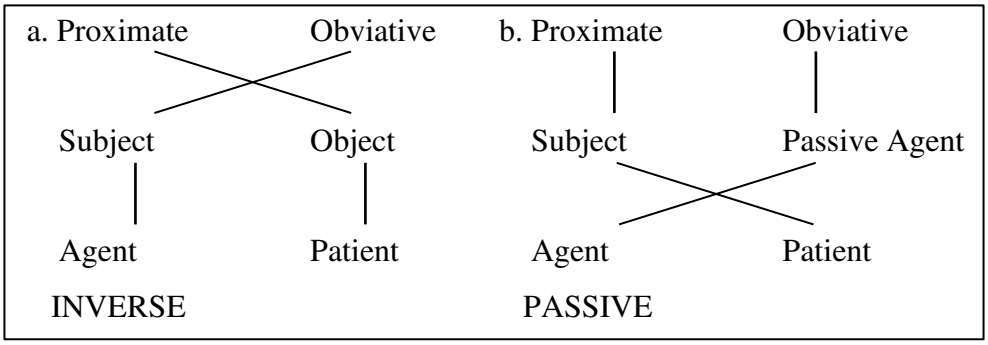
Em algumas línguas com obviação, e é o caso de tzotzil, o núcleo de uma expressão genitiva é sempre obviativo. No exemplo (54), o possuidor da expressão genitiva é co-referente com o objeto da oração. Para uma língua que tem obviação, e que a obviação tem implicações na expressão genitiva, essa situação é problemática porque um mesmo referente, no caso Manuel, seria proximativo e obviativo ao mesmo tempo dentro de uma mesma oração. Isso explica a agramaticalidade do exemplo (54) nessa língua.

[32] Essa glosa se refere a marcadores do conjunto A na terceira pessoa.

Tzotzil resolve o problema apresentado no exemplo (54) fazendo uso da passiva, como mostra o exemplo (55). Por meio da voz passiva, é possível que Manuel, e o possuidor da expressão genitiva que é co-referente a ele, seja o argumento proximativo e sua esposa o argumento obviativo.

Ao comparar tzotzil e chamorro às línguas algonquianas, ela percebe que paralelos significativos podem ser estabelecidos entre as configurações dos casos em que a voz passiva e voz inversa são determinadas por obviação. Por exemplo, segundo Aissen (1997), em ambos os casos, o argumento paciente é superior em hierarquia ao agente no status obviativo; também, ambos os casos envolvem um alinhamento cruzado[33], mas em níveis de representação diferentes:

(56)



(AISSEN, 1997. p.741).

4.3 – Gatilhos da Obviação

Em algumas línguas em que ocorre obviação, percebe-se uma relação entre esse fenômeno e animacidade. No blackfoot, por exemplo, se um sintagma nominal de terceira pessoa se referir a um ser animado, esse sintagma poderá ser proximativo ou obviativo. Contudo, se um sintagma nominal de terceira pessoa se referir a um ser inanimado, ele será obrigatoriamente obviativo (BLISS, 2013, p.30).

Em kadiwéu, a animacidade parece não estar relacionada com obviação. Se a animacidade tivesse algum papel relevante no sistema obviativo do kadiwéu, seres inimados não poderiam ser sujeitos de uma oração sem desencadear a voz inversa. No entanto, encontramos exemplos em que o sujeito é inanimado e a oração está na voz direta:

[33] Tradução dada ao termo *crossed alignment* (AISSEN, 1997. p.741)

(57) ecibi y-elowadi
sede 3.SUJ-matou
A sede o matou
(Corpus - Exabigo versão 1)

Outro caso comum que podemos citar, em relação à ativação do sistema obviativo motivada por princípios gramaticais, diz respeito à relação que há entre genitivo e obviação em algumas línguas. Nessas línguas, o núcleo da expressão é sempre considerado obviativo, ao passo que o genitivo pode ser proximativo ou obviativo, a depender de suas interações com outro argumento de terceira pessoa na oração (CAMACHO, 2013). Plains cree, fox, toztzil, kutenai, navajo e chamorro são exemplos de línguas em que essa relação entre genitivo e obviação ocorre (AISSEN, 2001; DRYER, 1992;WOLVENGREY, 2011). Em algumas dessas línguas, como em plains cree, há marcação morfológica disso no sintagma nominal:

(58) a) omosōma
o-mosō-a
3-grandfather-3'
"his/her grandfather(s)"

b) *omosōm
o- mosōm
3 - grandfather -.3s
"his/her grandfather"

c) *omosōmak
o- mosōm -ak
3- grandfather -3p
"his/her grandfathers" (WOLVENGREY, 2011. p.15)

Em outras línguas, como em kutenai, essa relação mostra sinais na morfologia verbal (DRYER, 1992). Em kutenai, o genitivo só tem um único marcador de posse de terceira pessoa (*-ʔis*). Se sabe que a obviação tem um papel importante em expressões genitivas nessa língua porque, quando uma expressão genitiva é o sujeito de uma oração, obrigatoriamente, o verbo é marcado morfologicamente como tendo um sujeito obviativo. Isso indica que, nessa língua, o núcleo de uma expressão genitiva é obviativo, ao passo que o genitivo será o proximativo:

(59) pamik k-sanq'ukatiʔ-s xaʔi-ʔis qu paʔkiy
PTCL SUBOR-ugly-OBV.SUBJ son-3.POSS that woman
'That woman's [prox] son [obv] is so ugly.' (DRYER, 1992. p.6)

Em kadiwéu, assim como em notkan e upper chehalis (AISSEN, 2001), a obviação não atua dentro da expressão genitiva. O kadiwéu só tem um morfema para marcar posse de terceira pessoa, o morfema *l*= (SANDALO, 1996. p.42). Além disso, há casos em que uma expressão genitiva é sujeito de um verbo, mas isso não desencadeia a voz inversa, o que seria o esperado caso o núcleo da expressão genitiva fosse obviativo:

(60)

naga	igo	oda	nigidagida	igee
naga	y-go	oda	nigidagida	y-igee
CT	3.SUJ-ir	CONJ	CFLN	3.SUJ-mandar

liwikatadi	oda	oyomoketinece
l-iwika-t-adi	oda	o-y-omoke-t-n-ce
3.POSS-animal-EP-PL	CONJ	PL-3.SUJ-latir-EP-MOV-DIR

(lit) Quando foram [Deus] deu ordens aos seus animais. Então [os animais de Deus] latiram.

Quando foram, mandou que seus animais latissem

(Corpus - História da Criação)

Contudo, nem sempre o acionamento da obviação é motivado por princípios gramaticais. Segundo Wolvengrey (2011. p.14), o morfema que marca obviativo, nas línguas algonquianas, é usado para indicar qual é o argumento de menor topicalidade ou de menor proeminência discursiva. Em alguns casos, a escolha por qual argumento será obviativo e qual argumento será proximativo depende somente da livre escolha do falante − que fará esse julgamento baseado no contexto, avaliação da perspectiva do ouvinte, etc (WOLVENGREY, 2011. p.14-15). Como visto ao longo da dissertação, e no exemplo abaixo, a proeminência discursiva parece ser definidora para a obviação em kadiwéu:

(61)

Odaa	jigijo	nidelaga	digoida	ditibigimedi.
Odaa	jag-ijo	n-idele-aga	digoida	ditibigimedi.
Odaa	COMPL-CLFN	ANT-idele-DER	ADV	céu.

Miguel	ijaagijoa	niaanjotedi	**oidelege**	nigijo	gowidi.
Miguel	ijaagijoa	n-aanjo-t-adi	**o-y-idele-gen**	nigijo	gowidi.
Miguel	CLFN	ALNV-anjo-EP-PL	**3.PL-3.SUJ-lutar-VAL**	CLFN	dragão

Odaa	ja	**didele**	nigijo	gowidi
Odaa	ja	**Ø-d-idele**	nigijo	gowidi
CONJ	ADV	**3.OBJ-INV-lutar**	CLFN	dragão

laxawepodi	nigijoa	aagaga	niaanjotedi
l-axawe-po-adi	nigijoa	aagaga	n-aanjo-t-adi
3.poss-ajudante-?-PL	CLFN	ADV	ALNV-anjo-EP-PL

(lit.) Então houve esta batalha lá no céu. Miguel e seus anjos lutaram contra o dragão. Então, logo (contra Miguel e seus anjos) lutaram o dragão e seus ajudantes, estes igualmente anjos.

E houve batalha no céu; Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhavam o dragão e os seus anjos.

(NTK - Apocalipse 12:7)

O argumento de maior proeminência discursiva, ou seja, o argumento mais central no trecho, na segunda e terceira frase do exemplo (61), é 'Miguel e seus anjos'. 'Miguel e seus anjos' será, então, o argumento 3PROX. Na segunda frase do exemplo, o argumento 3PROX está na posição de sujeito, então a voz é direta e o verbo concorda com o sujeito. Por sua vez, na terceira frase desse exemplo, o argumento 'Miguel e seus anjos', que está omitido, continua sendo o mais proeminente, mas está na posição de objeto. Ou seja, na segunda frase do exemplo, o sujeito é 3PROX e o objeto é 3OBV. Já na terceira frase do exemplo, o sujeito é 3OBV e o objeto é 3PROX. Consequentemente, na segunda frase, o verbo concorda com o sujeito e, na terceira frase, a voz inversa é acionada e o verbo concorda com o objeto.

5 - Considerações Finais

Nessa dissertação, foram estudados casos em que o morfema *d-* – que é um morfema que marca a presença de voz inversa no kadiwéu e, dentro do quadro gerativista, que busca uma formulação universal para a línguas do mundo, é modelado como sendo concordância subespecificada com argumentos internos que se moveram para TP (SANDALO, 2015) – aparecia em orações com verbos transitivos e argumentos exclusivamente de terceira pessoa. Com base nesses dados, esse estudo levantou a hipótese de que há obviação no sistema inverso do kadiwéu. Nessa língua, a obviação pode ser motivada por critérios semânticos ou pragmáticos. O critério semântico em questão é o fato peculiar de que, em kadiwéu, observamos uma hierarquia tema > experienciador que se superficializa somente sob argumentos de terceira pessoa. Isso se deve, ao nosso ver, ao fato de que a hierarquia de pessoa é mais alta (i.e. 1PLOBJ > 2 > 1 > 3TEMA > 3EXP). O critério pragmático diz respeito ao fato comum em línguas que contam com obviação de que a voz inversa é acionada quando, em um contexto somente com argumentos de terceira pessoa, o objeto da oração tem maior destaque quando comparado ao sujeito, em um dado contexto discursivo (i.e. 3OBJ > 3PROX). De modo complementar, foi apresentado um estudo comparativo sobre a obviação em diversas línguas, entre as quais o kadiwéu.

Essa dissertação não é e não pretende ser uma análise completa da obviação em kadiwéu, mas sim um primeiro passo nessa direção. Consideramos três questões em aberto as principais a serem estudadas sobre esse fenômeno, quanto ao kadiwéu, em estudos futuros:

a. Há outras línguas em que, tal qual em kadiwéu, há uma hierarquia tema > experienciador para argumentos de terceira pessoa?

b. Quais outros fatores, além de topicalidade, influenciam a decisão de qual argumento, dentre dois argumentos de terceira pessoa, é considerado de maior saliência discursiva?

c. O kadiwéu conta com voz passiva e voz inversa ou somente com a última?

O estudo feito nessa dissertação tem um caráter mais descritivo. Além das questões em aberto citadas acima, seria bom fazer um estudo mais teórico sobre esse fenômeno nessa língua, analisando quais são os movimentos sintáticos envolvidos. Também seria interessante ampliar a investigação para outras línguas Guaikurú a fim de saber se algo do que foi descrito aqui para o kadiwéu ocorre nas outras línguas da família.

Por fim, vale ressaltar a importância do estudo com corpus em línguas indígenas. Certos fenômenos linguísticos – como a obviação, principalmente quando motivada por critério pragmático – só começam a ser melhor compreendidos a partir da análise de textos espontâneos. Nesse sentido, projetos como a construção do corpus digital de narrativas em kadiwéu, citado na introdução, são extremamente relevantes. Por sua vez, trabalhar exclusivamente com corpus só é algo possível quando as pesquisas sobre determinada língua já estão avançadas até certo ponto. A análise dos textos em kadiwéu seria extremamente penosa e provavelmente infrutífera, se somente tivéssemos o texto original em kadiwéu e a tradução equivalente em português. O acesso a dicionários, artigos e demais estudos, frutos de anos de pesquisa de outros linguistas, tornaram possível a pesquisa feita nessa dissertação.

Bibliografia

AISSEN, J. On the syntax of obviation. **Language** nº 73, 1997, p.705–750.

_____ **Yi and bi: Proximate and Obviative in Navajo**. In: CARNIE, A.; JELINEK, E.; WILLIE, M.A. (eds.): Papers in Honor of Ken Hale. Working Papers on Endangered and Less Familiar Languages, nº 1. Cambridge, Massachusetts: MIT Working Papers in Linguistics, 2000.

_____. The obviation hierarchy and morphosyntactic markedness. **Linguistica Atlantica** nº 23, 2001, p. 1-34.

BAKER, M. **The Polysynthesis Parameter.** Universidade McGill.1994. *ms*.

BÉJAR, S.; REZAC, M. Cyclic agree. **Linguistic Inquiry**, v. 40, n.1.p. 35–73. 2009

BELLETTI, A; RIZZI, L. Psych-verbs and 9-theory. **Natural Language and Linguistic Theory,** nº 6, 1988. pp. 291-352.

BERTELLI, Antonio. **Os fatos e os acontecidos com a poderosa nação dos Índios Cavaleiros Guaycurús no Pantanal do Mato Grosso, entre os anos de 1526 até o ano de 1986.** São Paulo: Uyara, 1987.

BIBLIA online. Disponível em: https://www.bibliaonline.com.br/. Última data de acesso: 18/02/2017.

BLISS, H. **Topic, Focus, and Point of View in Blackfoot.** West Coast Conference on Formal Linguistics. 2005.

_____. **The Blackfoot configurationality conspiracy.** Doctoral dissertation. University of British Columbia. 2013.

BRAGGIO, Silvia. **Aspectos fonológicos e morfológicos do Kadiwéu.** Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas, SP.: Instituto de Estudoas da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 1981.

BRESNAN, J; KANERVA, J. **The Thematic Hierarchy and Locative Inversion in UG. A Reply to Paul Schachter's Comments.** In: STOWELL,T; WEHRLI, E (eds). 1992

CAMACHO, J. **"Switch Reference and Obviation"**, accepted for publication in the Companion to Syntax 2, ed. by Martin Everaert and Henk van Riemsdijk, Blackwell. 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/4496975/Switch_Reference_and_Obviation. Última data de acesso: 18/02/2017. Última data de acesso: 18/02/2017.

CHOMSKY, N. Minimalist Inquiries: The Framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D. e URIAGEREKA, J. (Eds.) **Step-by-step: essays in minimalist syntax in honor of Howard Lasnik.**Cambridge, MA: The MIT Press. p. 89-155. 2000.

DAHLSTROM, A. **Obviation and information structure in Meskwaki.** In: MACAULAY, M.; NOODIN, M. (eds.): Papers of the Forty-sixth Algonquian Conference, 2014. Disponível em : https://lucian.uchicago.edu/blogs/adahlstrom/files/2015/06/To-appear-Obviation-and-info-structure.pdf. Última data de acesso: 18/02/2017.

DALTRO, A. **Construção de banco lexical e análise morfológica de textos do Kadiwéu.** Relatório final de iniciação científica. 2004.

DIAZ, J.C.G. **Estrucutura de la cáusula simple, predicación primaria y predicación secundaria en el mixe de Tlahuitoltepec.** Dissertação de mestardo. Centro de Investigación y Estudios Superiores en Antropología Social, 2014.

DRYER, Matthew S. 1992. **A Comparison of the Obviation Systems of Kutenai and Algonquian.** In W. Cowaned, Papers of the Twenty-Third Algonquian Conference, 119-163. Ottawa: Carleton University

FADDEN, Lorna. **The inverse continuum.** M.A. Thesis, Simon Fraser University. 2000.

FRANCO, J. Towards a Typology of Psych Verbs: Evidence from Spanish. University of Southern California, 2013. ms. Disponível em: http://www.ehu.eus/ojs/index.php/ASJU/article/view/9384. Última data de acesso: 18/02/2017.

GILDEA, S. **Semantic and pragmatic inverse - "inverse alignment" and "inverse voice" - in Carib of Surinam.** In: GIVÓN, T. Voice and Inversion. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1994.

GIVÓN, T. **Topic Continuity in Discourse: A Quantitative Cross-Language Study.** Amsterdam: John Benjamins. 1983.

_____. **The pragmatics of de-transitive voice. Functional and typological aspects of inversion.** In: GIVÓN, T. Voice and Inversion. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1994.

GRIMSHAW, J. **Argument Structure.** Cambridge, MA: MIT Press. 1990.

GRIFFITHS, Glyn. Numerals and demonstratives in Kadiwéu. **Arquivos de Anatomia e Antropologia.** nºI. p. 63-67. Rio de Janeiro, Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques, 1973.

_____. **Relative Clause Formation and other Word Parameters in Kadiwéu.** Dissertação de mestrado. Reading University, 1987.

_____.**Wh-movement in Kadiwéu.** Tese de doutorado. Reading University, 1991

_____. **Dicionário da língua Kadiwéu: Kadiwéu – Português; Português - Kadiwéu.** Cuiabá, MT: SIL, 2002.

GRIFFITHS, G; GRIFFITHS,C. Aspectos da língua Kadiwéu. **Série Lingüística.** nº 6. Summer Institute of Linguistics: Brasília, 1976

_____. **Aspectos da Língua Kadiwéu.** Cuiabá, MT:SIL, 2006. Disponível em: http://www-01.sil.org/americas/brasil/PUBLCNS/DICTGRAM/KDGram.pdf. Última data de acesso: 18/02/2017.

HAIMAN, John; MUNRO, Pamela (org.). **Switch reference and universal grammar.** Amsterdam: John Benjamins, 1983.

HALE, K.; KEYSER, J. **On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations.** In: Kenneth Hale and Jay Keyser (eds). The View from the Building 20. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.

JACOBSEN, W. Jr. **Switch-reference in Hokan-Coahuiltecan.** In: HYMES, D; BITTLE, W. (eds.): Studies in Southwestern Ethnolinguistics: Meaning and History in the Languages of the American Southwest. The Hague: Mouton, 1967. pp. 238-63

JELINEK, Eloise. Empty Categories, Case, and Configurationality. **Natural Language & Linguistic Theory.** nº2. p.39-76. 1984

_____; WILLIE, M. **'Psych' verbs in navajo.** In: JELINEK, E. et al (eds): Athabaskan Language Studies: Essays in Honor of Robert W. Young. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1996

JUNKER, M. Focus, obviation, and word order in East Cree. **Lingua** nº114, pp. 345–365. 2004.

JOSÉ DA SILVA, G. **A construção física, social e simbólica da Reserva Indígena Kadiwéu (1899-1984): memória, identidade e história.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2004

KLAIMAN, M.H. 1992. **Inverse languages**. Lingua 88. 227-261

LAMBRECHT, K. **Information structure and sentence form: Topic, focus, and the mental representation of discourse referents.** Cambridge: Cambridge University Press. 1994.

LAZZARINI-CYRINO, J.P. **O sincretismo passivo-reflexivo: um estudo translinguístico.** Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2015

LOCHBIHLER, B. **Aspects of argument licensing.** Doctoral dissertation. McGill University. 2012.

McGINNIS, Martha. *Event Heads and the Distribution of Psych-Roots* (U.Penn Working Papers in Linguistics, v.6.3), 2000.

MESSINEO, C. **Estudio del Toba hablado en la provincia del Chaco (Argentina), aspectos gramaticales y discursivos**. Tese de doutorado. University of Buenos Aires, 2000.

MOSELEY, Christopher (ed.). **Atlas of the World's Languages in Danger**, 3rd edn. UNESCO Publishing: Paris. 2010. Disponível em :http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas. Última data de acesso: 18/02/2017.

NEVINS, A; SANDALO, F. Markedness and morphotactics in Kadiwéu [+participant] agreement. **Springer – volume 21.2**; pp.351-378, 2011.

NOVO testamento em kadiwéu. Disponível em: http://www.scriptureearth.org/data/kbc/PDF/00-WNTkbc-web.pdf . Última data de acesso: 18/02/2017.

OLIVEIRA, Vivian Meira de. **A obviação/referência disjunta em complementação sentencial: uma proposta sintático-semântica.** Dissertação de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. 2013

OXFORD, W. **Microparameters of agreement: A diachronic perspective on Algonquian verb inflection.** Doctoral dissertation. University of Toronto Canada. 2014.

_____.**Inverse Marking as Impoverishment**. In: 34th West Coast Conference on Formal Linguistics. University of Utah, 2016. pp. 413-422

PESETSKY, D. **Zero syntax: Experiencers and cascades.** Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

PIRIYAWBOON, N. Obviating the obviative in Nishnaabemwin. Toronto Working Papers. 2007. Disponível em: http://twpl.library.utoronto.ca/index.php/twpl/article/view/6804. Última data de acesso: 18/02/2017.

RHODES, R. **Ojibwa secondary objects**. In: Katarzyna Dziwirek et al (ed) Grammatical Relations: A CrossTheoretical Perspective. Stanford: CSLI. 1990.

RIBEIRO, Darcy. Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza. Petrópolis: Vozes,1980.

RIZZI, L. **Relativized minimality.** Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

RODRIGUES, A. **You and I = neither You nor I: the personal system of Tupinambá.** In: Doris Payne (ed.) Amazonian Linguistics: studies in lowland South America. Austin: University of Texas Press.1990.

_____ Morfologia do verbo Tupi. **Letras.** nº 1. 1953. pp. 121-152.

SANCHEZ LABRADOR, José S. I. **Gramática Eyiguayegi-Mbayá. Según el manuscrito del siglo XVIII.** 1760. In: B. Susnik. Familia Guaycuru. 1-166. Asunción, Paraguay: Museo Etnográfico "Andrés Barbero". (Lenguas Chaqueñas 1.), 1971.

SANDALO, F. **A Grammar of Kadiwéu.** Tese de doutorado. Department of Linguistics. University of Pittsburgh, 1996.

_____. Case and agreement: person hierarchy in Kadiwéu. **Estudos Lingüísticos.** v. XXXIV, São Paulo, 2005. p. 44-58

_____ .Person Hierarchy and inverse voice in Kadiwéu. **Liames – v. 9**; pp.27-40, 2009

_____.Nem eu, nem você e nem ele: o morfema relacional em hierarquia de pessoa e marcação diferenciada de objeto no kadiwéu. **Delta – volume 30**; pp.645-658, 2014.

_____.**The relational morpheme of Brazilian languages as impoverished agreement markers.** In: Workshop on Structure and Constituency in the Languages of the Americas 20. University of British Columbia, 2015. pp. 92-88.

SENA, T. A. **Os afixos verbais marcadores de pessoa em Kadiwéu.** Relatório final de iniciação científica. 2015.

SOUZA, L. M. A. de. **Descrição da fala masculina e da fala feminina na língua Kadiwéu.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2012.

SPEAS, M.J. **Phrase Structure in Natural Language.** Dordrecht: Kluwer. 1990

STIRLING, Lesley. **Switch Reference and Dircourse Representation**. Cambridge: Cambridge University Press. 1993.

THOMPSON, C. L. **Passive and Inverse Constructions.** In: GIVÓN, T. Voice and Inversion. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1994.

VASCONCELOS, S. I. V. **O Clítico SE: entre a Norma e a Variação.** Dissertação de mestrado. Universidade Nova de Lisboa, 2013.

VAN VALIN, R.D. Jr. Semantic Parameters of Split Intransitivity. **Language**, nº 66, pp. 221-260. 1990

VIEIRA, M. A manifestaçção de tópico e foco em línguas da família tupi-guarani. **Delta** nº 30. pp. 659-683. 2014.

WILLIE, M. A. **Navajo pronouns and obviation**. Tese de doutorado. University of Arizona, 1991.

WOLVENGREY, A. **Semantic and pragmatic functions in Plains Cree syntax.** Doctoral dissertation. University of Amsterdam. 2011.

ZAVALA, R. **Obviación en oluteco (mixeana).** Proceedings of the conference on indigenous languages of Latin America, 23-25 October. University of Texas. 2004

ZUBIZARRETA, M. L.; PANCHEVA, R. A formal characterization of person-based alignment: The case of Paraguayan Guaraní. **Natural Language and Linguistic Theory.** v.35. 2017

ZÚÑIGA, Fernando. Deixis and Alignment. **Inverse systems in indigenous languages of the Americas.** Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins. 2006